

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO/DOCTORADO

**A NEUTRALIZAÇÃO DAS VOGAIS POSTÔNICAS FINAIS
NO PORTUGUÊS URUGUAIO FALADO NA
CIDADE DE TRANQUERAS - URUGUAI**

ALEXANDER SEVERO CÓRDOBA

Orientadora
Prof.^a. Dr.^a. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer

Pelotas
2013

ALEXANDER SEVERO CÓRDOBA

**A NEUTRALIZAÇÃO DAS VOGAIS POSTÔNICAS FINAIS
NO PORTUGUÊS URUGUAIO FALADO NA
CIDADE DE TRANQUERAS - URUGUAI**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras, em nível de Mestrado, da Universidade Católica de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre
Área de Concentração: Linguística Aplicada

Orientadora
Prof^a. Dr^a. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer

Pelotas
2013

*Dedico esta dissertação aos meus pais,
pelo constante apoio, e à professora
Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, pela
confiança depositada no meu trabalho.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela constante ajuda e força espiritual.

Aos meus pais Lucen Maria e Hess Ariel. À minha irmã Amanda, à avó Analia, aos demais familiares, amigos, professores, colegas e parceiros, pelos votos de confiança no meu trabalho.

À CAPES, por ter-me concedido a bolsa de estudos para o desenvolvimento desta pesquisa.

À minha orientadora e professora Carmen Matzenauer, pela confiança e dedicação a esta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa é um estudo focado na regra variável da neutralização das vogais médias átonas finais /e/ e /o/ no Português Uruguaio (PU) falado por sujeitos da cidade de Tranqueras, a qual pertence ao Departamento de Rivera – Uruguai. O presente estudo tem, como pressupostos teórico-metodológicos, a Teoria da Variação sociolinguística. Foram realizadas 12 entrevistas de experiência pessoal com informantes da comunidade de Tranqueras divididos em dois grupos: crianças e adultos. A análise estatística dos dados evidenciou que o emprego do processo de neutralização das vogais médias postônicas finais, no PU falado em Tranqueras, tem caráter variável, com predominância da preservação das vogais médias. Concluiu-se que o comportamento das vogais postônicas finais no PU, embora se aproxime daquele observado no Português do Brasil pelo fato de mostrar variação, sofre forte condicionamento do Espanhol do Uruguai, pelo motivo de tender à preservação das vogais médias. Na variação, houve condicionamento especialmente de três variáveis linguísticas – o *contexto precedente*, o *contexto vocálico* e a *classe morfológica* – e de uma extralinguística: o *sexo*. Verificou-se também que as crianças aplicam a regra variável à vogal postônica final com uma porcentagem maior do que a dos adultos, trazendo um leve indício de mudança. Ainda os resultados apontaram que as crianças aplicam a regra variável de neutralização à vogal /o/ em maior porcentagem do que à vogal /e/, enquanto os adultos aplicam essa regra variável à vogal /e/ postônica final com uma maior porcentagem do que à vogal /o/.

Palavras-chave: Teoria da Variação. Vogais médias postônicas finais. Português Uruguaio.

RESUMEN

Esta investigación es un estudio centralizado en la regla variable de la neutralización de las vocales postónicas finales /e/ y /o/ del Portugués Uruguayo (PU) hablado por sujetos de la ciudad de Tranqueras que pertenece al Departamento de Rivera – Uruguay. Este estudio está enfocado en los presupuestos teóricos de la Teoría de la Variación sociolingüística. Se realizaron 12 entrevistas de experiencia personal con informantes divididos en dos grupos: los niños y los adultos de la comunidad de Tranqueras. El análisis estadístico de los datos muestra que la regla sobre el fenómeno de la neutralización de las vocales atonas finales se aplica en su mayoría a los niños, eso significa que puede haber inicio de cambio lingüístico en la comunidad investigada. Se concluye que el comportamiento de las vocales postónicas finales del PU, muy cercano al observado en el portugués de Brasil, muestra una variación fuertemente condicionado por el español uruguayo; pues presenta una tendencia a la preservación de las vocales medias. En la variación, hubo acondicionamiento de tres variables lingüísticas - el *contexto anterior*, el *contexto vocálico* y la *clase morfológica* - y de una extralingüística: el *sexo*. También se encontró que los niños aplican la regla variable postónica final con un porcentaje mayor que el de los adultos, sucediendo así una ligera indicación de cambio. Además, los porcentajes indican lo siguiente: los niños aplican la regla variable con la vocal /o/ con más frecuencia, mientras que los adultos aplican la regla variable con la vocal /e/ con mayor frecuencia.

Palabras-clave: Teoría de la Variación. Vocales medias postónicas finales. Portugués Uruguayo.

SUMÁRIO

<i>CAPÍTULO I</i>	12
1. INTRODUÇÃO	12
1.1. Aspectos histórico-sociais e linguísticos do norte do Uruguai	12
1.2. Justificativa e objetivos da pesquisa.....	19
<i>CAPÍTULO II</i>	23
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	23
2.1. Variedades linguísticas no norte do Uruguai	23
2.1.1. O Português do Uruguai	30
2.1.2. A cidade de Tranqueras	34
2.2. Teoria da Variação	37
2.3. Os sistemas vocálicos do Português e Espanhol	39
2.3.1. O sistema vocálico do Português.....	39
2.3.2. O Sistema vocálico do Espanhol	42
<i>CAPÍTULO III</i>	44
3. METODOLOGIA.....	44
3.1. Caracterização dos sujeitos e dos procedimentos da coleta de dados	44
3.2. O fenômeno estudado e o tratamento dos dados	46
3.3. Definição das variáveis	47
3.4. O Aplicativo GOLDVARB 2001	51
<i>CAPÍTULO IV</i>	53
4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	53
4.1. Resultado geral do emprego da regra de neutralização às vogais /e/ e /o/ postônicas finais em crianças e adultos.....	53
4.2. Resultado geral do emprego da regra de neutralização às vogais /e/ e /o/ postônicas finais em crianças	56
4.3. Resultados para a vogal /e/ postônica final nos dados de crianças	59
4.4. Resultados para a vogal /o/ postônica final nos dados de crianças	63

4.5. Resultado geral do emprego da regra de neutralização às vogais /e/ e /o/ postônicas finais em adultos.....	65
4.6. Resultado geral para a vogal /e/ postônica final em adultos	67
4.7. Resultado geral para a vogal /o/ postônica final em adultos	70
<i>CAPÍTULO V</i>	75
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78
ANEXOS	81
ANEXO 1 – Termo de consentimento livre e esclarecido destinado aos sujeitos crianças:	81
ANEXO 2 – Termo de consentimento livre e esclarecido destinado aos sujeitos adultos:.....	83
ANEXO 3 – Modelo de questionário social aplicado aos sujeitos crianças:.....	85
ANEXO 4 – Modelo de questionário aplicado aos sujeitos adultos:.....	86
ANEXO 5 – Carta enviada ao Comitê de Ética em Pesquisa da UCPel:	87

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Marco Brasil-Uruguai – Caminho ao <i>Cerro do Chapéu</i>	13
Figura 2 – Mapa do <i>Tratado de Permuta</i> (1770)	14
Figura 3 - Mapa do <i>Tratado de Santo Idelfonsio</i> (1777)	15
Figura 4 - Mapa da Banda Oriental (1816).....	17
Figura 5 - Mapa com a representação dos dialetos <i>fronterizo portugués y fronterizo castellano</i>	24
Figura 6 - Mapa uruguaio cuja área destacada era povoada por brasileiros no ano de 1861	27
Figura 7 - Resultado do contato dos dois dialetos do português, o uruguaio rural e o brasileiro urbano	31
Figura 8 - Análise de Varbrul do uso de [ʎ] segundo fatores sociais e estilísticos	31
Figura 9 - Mapa da zona norte do Uruguai e das comunidades, como Tranqueras, que integram falantes do PU	33
Figura 10 - Mapa da Cidade de Tranqueras	34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Contexto precedente – dados gerais	53
Tabela 2 – Contexto vocálico – dados gerais	54
Tabela 3 – Classe morfológica – dados gerais	54
Tabela 4 – Idade – dados gerais	55
Tabela 5 – Sexo – dados gerais	55
Tabela 6 – Contexto precedente – dados das crianças	55
Tabela 7 – Contexto vocálico – dados crianças	
Tabela 8 – Classe morfológica – dados das crianças	56
Tabela 9 – Sexo – dados das crianças	56
Tabela 10 – Contexto precedente – vogal /e/ – dados das crianças	58
Tabela 11 – Contexto vocálico – vogal /e/ – dados das crianças	58
Tabela 12 – Classe morfológica – vogal /e/ – dados das crianças	59
Tabela 13 – Sexo – vogal /e/ – dados das crianças	60
Tabela 14 – Contexto precedente – vogal /o/ – dados das crianças	61
Tabela 15 – Contexto vocálico – vogal /o/ – dados das crianças	62
Tabela 16 – Localização da postônica na palavra – vogal /o/ – dados das crianças	63
Tabela 17 – Classe morfológica – vogal /o/ – dados das crianças	63
Tabela 18 – Contexto precedente – dados dos adultos	64
Tabela 19 – Sexo – dados dos adultos	65
Tabela 20 – Contexto precedente – vogal /e/ – dados dos adultos	65
Tabela 21 – Contexto vocálico – vogal /e/ – dados dos adultos	67
Tabela 22 – Classe morfológica – vogal /e/ – dados dos adultos	67
Tabela 23 – Sexo – vogal /e/ – dados dos adultos	68
Tabela 24 – Contexto precedente – vogal /o/ – dados dos adultos	69
Tabela 25 – Classe morfológica – vogal /o/ – dados dos adultos	70

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Aplicação geral da regra variável entre adultos e crianças	54
Gráfico 2 – Aplicação geral da regra variável às vogais /e/ e /o/ entre os adultos e crianças	57
Gráfico 3 – Aplicação geral da regra variável à vogal /e/ nos dados das crianças	61
Gráfico 4 – Aplicação geral da regra variável à vogal /o/ nos dados das crianças	64
Gráfico 5 – Aplicação geral da regra variável às vogais /e/ e /o/ nos dados dos adultos	66
Gráfico 6 – Aplicação geral da regra variável à vogal /e/ nos dados dos adultos	68
Gráfico 7 - Aplicação geral da regra variável à vogal /o/ nos dados dos adultos	71

CAPÍTULO I

1. INTRODUÇÃO

O Português do Uruguai, doravante PU, falado no norte do País, é o cerne desta pesquisa; o foco particular está no comportamento das vogais médias postônicas em final de palavras; os dados investigados são da cidade de Tranqueras - Uruguai, que pertence ao Departamento de Rivera, o qual faz limite com o sul do Brasil. Para a consolidação e desenvolvimento deste trabalho, parte-se dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista.

A fim de que se verifiquem motivos que propiciaram o contato linguístico e o uso das variantes que conformam o PU, inicia-se pela apresentação de aspectos históricos e sociais da região norte do Uruguai. Com esse embasamento, passa-se à justificativa da proposição da presente pesquisa, com a definição dos objetivos e das questões que nortearam a investigação.

1.1. Aspectos histórico-sociais e linguísticos do norte do Uruguai

A zona fronteira entre o Brasil e o Uruguai é caracterizada, em sua maioria, por uma linha divisória marcada sobre a terra e considerada uma divisão artificial, pois não possui limites naturais, como rios ou montanhas de grande altura (TRINDADE; BEHARES; FONSECA, 1995).

Segundo Trindade et al. (1995), a fronteira entre o Brasil e o Uruguai possui uma extensão de aproximadamente 1.000 km, sendo que 60% estão localizadas sobre uma linha traçada sobre a terra, conforme já referido, onde há os chamados marcos colocados de forma alinhada. Além disso, há os rios Cuareim e Jaguarão, sobre os quais existem pontes que facilitam a comunicação entre os dois países. Assim, pela grande extensão da fronteira, bem como por suas características, tem-se muito facilitado o contato entre os povos brasileiro e uruguaio e, conseqüentemente, o contato entre as línguas portuguesa e espanhola.

A seguir, a figura 1 mostra uma foto que retrata um dos *Marcos* na linha divisória entre Santana do Livramento (BRA) e Rivera (URU).



FIG. 1 – Marco Brasil – Uruguai – Caminho ao *Cerro do Chapéu*

Ainda sobre a extensão de limites na região fronteiriça, Trindade et al. (1995) destacam que existem cinco cidades integradas em centros urbanos, que constituem as chamadas “cidades gêmeas”, uma pertencente ao Uruguai e outra pertencendo ao Brasil: Artigas-Quaraí; Rivera-Livramento; Aceguá-Aceguá; Rio Branco-Jaguarão e Chuy-Chuí. A situação de contato que existe entre essas cidades não tem plena equivalência, já que, segundo Couto (2012), as comunidades fronteiriças separadas pelos rios Quaraí e Jaguarão, que dividem, respectivamente, as cidades de Artigas-Quaraí e Jaguarão-Rio Branco, não mostram relação tão intensa, entre seus moradores, como é observado nas outras cidades gêmeas mencionadas acima.

A população dessas cidades que integram a região norte do Uruguai e o sul do Brasil é, de fato, de origem mista. Trindade et al. (1995) argumentam que historicamente houve muitas indecisões em relação aos limites nessa região.

A literatura aponta que, a partir de 1492, a disputa entre os reinos espanhol e português sobre os domínios territoriais na América atingiu essa região da América do Sul. Em 1493, a famosa *Bula Inter Caetera*, do Papa Alexandre VI, deixa praticamente todo o território brasileiro em mãos dos castelhanos, exceto o território baiano (TRINDADE et al. 1995; COUTO, 2012).

Logo, no ano de 1494, é assinado o *Tratado de Tordesilhas*, pelo qual o território concedido aos portugueses tem um aumento considerável, porém o território que corresponde aos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná ainda permanece sob o domínio dos castelhanos.

Posteriormente, nos séculos XVI e XVII, essa região e o nordeste do atual Uruguai foram dominados pelos portugueses por meio das invasões e domínios na região castelhana, que resultaram na fundação da Colônia do Sacramento, localizada nas margens do *Rio de la Plata*.

É durante esse período, muito anterior à formação do Uruguai, que essa região foi habitada por padres jesuítas, vindos da Espanha no início do século XVII, os quais foram os primeiros europeus a habitar a vasta área que constituiu o Rio Grande do Sul (Brasil), e partes do Paraguai, da Argentina e também do Uruguai. Porém, os jesuítas tiveram pouca influência na questão linguística, pois eles aprenderam o Guaraní ao invés de fazerem os índios estudarem o Espanhol (JUDD, 2007).

Ainda durante o século XVII, são assinados dois tratados de limites: o *Tratado de Permuta* (1770) e o *Tratado de Santo Idelfonso* (1777), os quais traçam diferentes linhas divisórias entre os territórios sob os domínios de portugueses e castelhanos.

Na figura 2, ilustra-se o mapa que representa o *Tratado de Permuta* (1770).

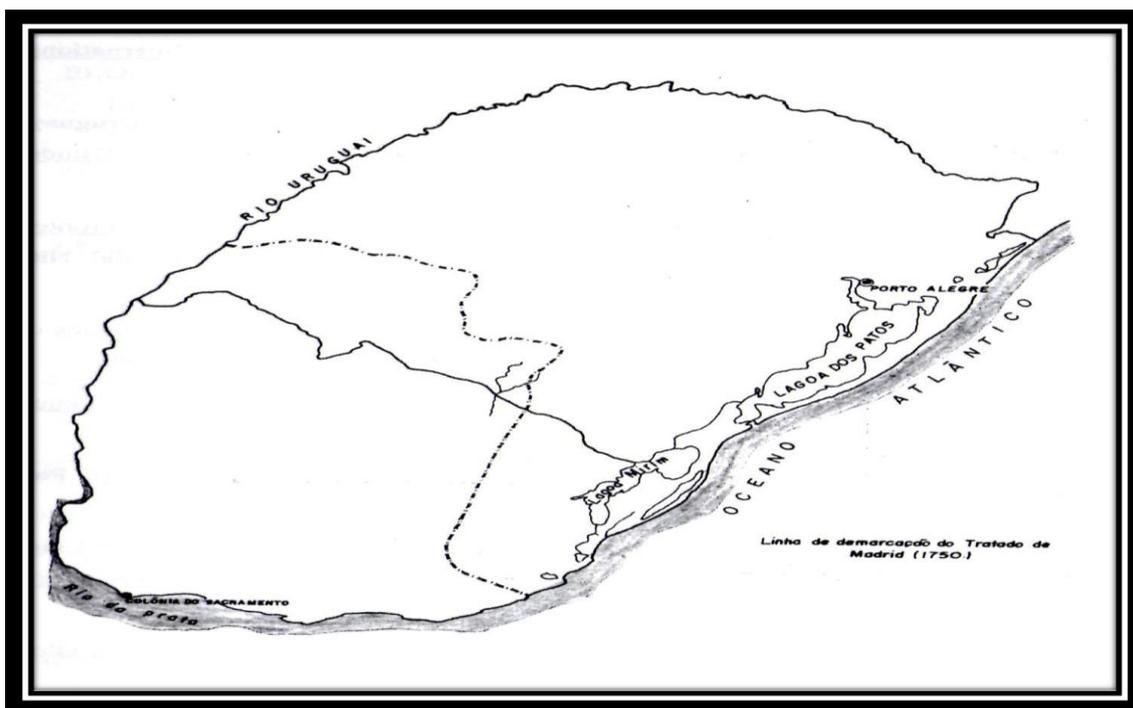


FIG. 2 – Mapa do *Tratado de Permuta* (1770)

Na figura 3, ilustra-se o mapa que representa o *Tratado de Santo Idelfonso* (1777).

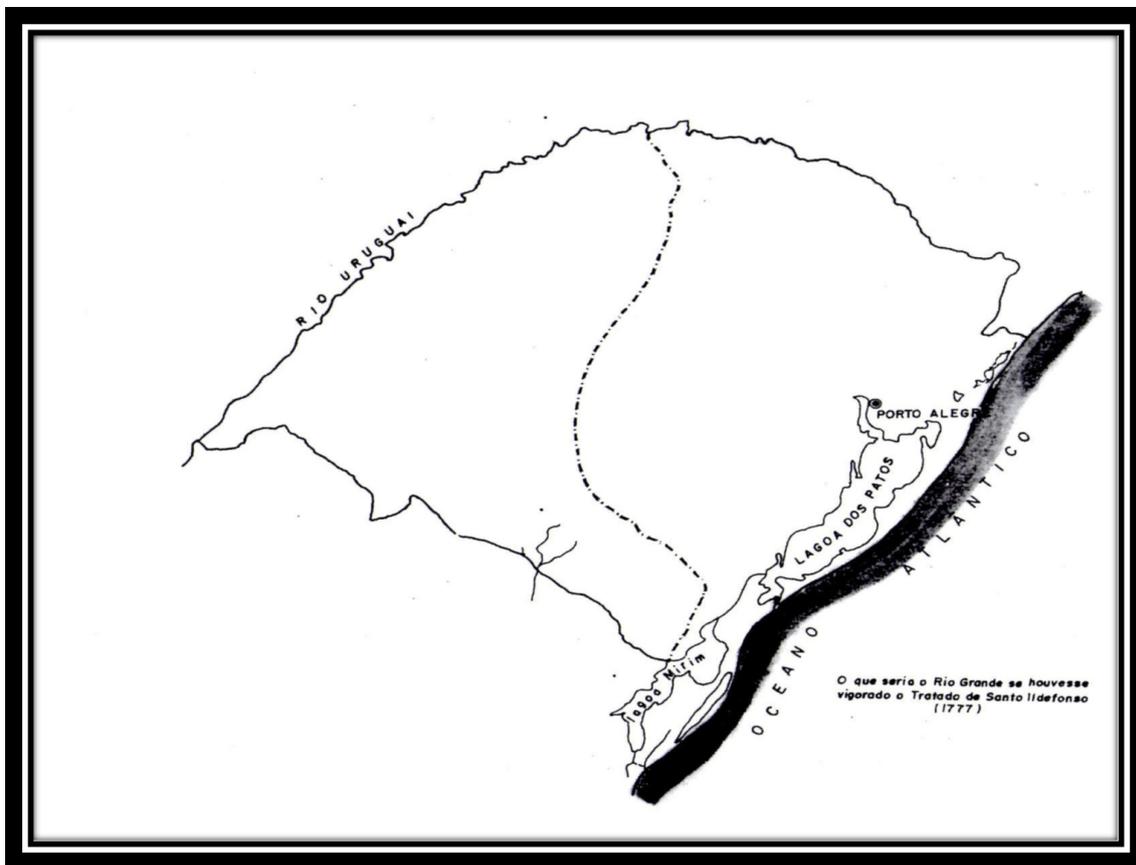


FIG. 3 – Mapa do Tratado de *Santo Idelfonso* (1777)

Segundo Trindade et al. (1995), os dois tratados mencionados acima determinam o seguinte:

O primeiro deles (Permuta) colocava a região entre os rios Quareim e o Ibicuí nas mãos dos Castelhanos e uma região muito intensa do atual território Uruguaio ao sudeste, atuais departamentos de Cerro Largo, Treinta y Tres, Lavalleja, Maldonado e Rocha, nas mãos dos Portugueses. Já o tratado de San Idelfonso colocou os limites muito mais ao norte, deixando o território do sudeste com os espanhóis, incluindo a região imediata entre a Lagoa Mirim e o Oceano Atlântico e fixando o limite ao norte do Rio Uruguai e, ao oeste, numa linha que atravessa o atual estado do Rio Grande do Sul¹ (TRINDADE et al. 1995, p. 13).

¹

Ver Morales Padrón, s/d e Reyes Abadie et al. 1965.

No século XIX, em 1816, Portugal anexou toda a Província Oriental do Uruguai sob o nome de Província Cisplatina, até a expulsão dos portugueses em 1825 – essa data marca a *Declaración de la Independencia* do Uruguai.

A história registra, portanto, uma situação de instabilidade, durante um grande período, no domínio da região que hoje se identifica como *região fronteira entre Brasil e Uruguai*. Essa alternância de domínio político da região teve reflexos culturais e linguísticos, sendo que o português continuou a ser utilizado em terras uruguaias, do que decorreu a presença do bilinguismo como característico das atuais comunidades de fronteira entre os dois países. Essa realidade também suscitou, em períodos subsequentes da história, o estabelecimento de políticas educacionais para a preservação do espanhol como língua do Uruguai.

Carvalho (2003), em seu artigo intitulado *Políticas linguísticas de séculos passados nos dias de hoje*, discute algumas das questões de política linguística promovidas pelo governo uruguaio em relação às políticas públicas relacionadas à educação, que têm como objetivo combater a presença do português nas comunidades bilíngues no norte do Uruguai nos últimos séculos.

Esta é uma citação retirada do texto de Carvalho (2006a) sobre o processo de formação do Uruguai até a sua independência que, de fato, ocorreu em 1828, e a presença do português nesse país em durante o século XIX:

Em 1815, o exército português iniciou uma invasão em direção ao Uruguai ocupando durante 10 anos o território então designado Província Cisplatina. Após a sua independência do Brasil, em 1825, a área em questão uniu-se à Argentina até 1828, quando a República Oriental del Uruguai foi finalmente criada através de um acordo mediado entre o estado brasileiro e o território uruguaio, as famílias portuguesas e brasileiras continuam a estabelecer-se no norte do Uruguai (CARVALHO, 2006a, p. 152).

A seguir, na figura 4 apresenta-se o Mapa da Banda Oriental em 1816.



FIG. 4 - Mapa da Banda Oriental em 1816

Em 1821, fixam-se os limites da Província Cisplatina como parte do Reino Unido de Portugal. Então, esses limites têm sido modificados até os dias atuais devido a diferentes tratados diplomáticos.

Assim, o panorama histórico até aqui apresentado mostra que, embora a região fronteira, aqui destacada, desde a *República Oriental del Uruguay* em 1830, não tenha sofrido mudanças em relação a sua estrutura, essa região ficou povoada e administrada juridicamente por brasileiros. De acordo com Trindade et al. (1995), pelos dados do primeiro censo uruguaio, em 1860, a população do país era de 200.000 habitantes, sendo que 40.000 era constituído por brasileiros ao nordeste do país.

Behares (2003) afirma que o conjunto populacional fronteiro de inícios do século XIX apresentou predomínio de mestiços, com base nos guaranis missioneiros,

escassa presença de espanhóis e portugueses e um importante número de negros. Essa base populacional reconcentra-se em si mesma por causa do isolamento, das condições difíceis de vida para os colonos europeus e, o mais importante, por ser a mais adaptada à organização social muito frouxamente estruturada. Trata-se de um conglomerado populacional bastante diferente do uruguaio do sul e do brasileiro do centro-este, organizado em uma sociedade rural escassamente ordenada por outros instrumentos que não a simples convivência e a defesa das integridades (BEHARES, 2003).

Em termos culturais, há dois traços que se percebem imediatamente:

- 1- a base cultural guarani missioneira, que tem subsistido em todos os componentes da cotidianidade, amalgamando nela as influências portuguesas e afro-americanas, acriouladas por adaptação às condições sócio-econômicas da vida rural;
- 2- a língua portuguesa, que se impôs sobre a base preponderante do guarani missioneiro, não sem a presença esporádica do espanhol. Por volta de 1800, foi possível imaginar que o guarani e o português coexistiam como línguas gerais de comunicação, com jogos de mútua influência. Sem sombra de dúvidas, a fala da região acabou se definindo de acordo a língua portuguesa.

Em 1852, o Presidente uruguaio Giró percorreu o interior do país e elaborou um plano para a sua modernização e desenvolvimento, principalmente para assegurar o domínio real da área nortenha. Durante o resto do século, o governo uruguaio fundou cidades e povoados ao longo da linha fronteira e destinou imigrantes espanhóis e italianos para povoá-los. Simultaneamente, melhorou as vias de comunicação desde e para a fronteira, com a introdução das vias ferroviárias (1887-1894) e tomou providências para que a “modernização” rural fosse também operante nas áreas fronteiriças (BEHARES, 2003).

É preciso assinalar que a aprovação do Decreto-Lei “*Reglamento de Instrucción Pública*” pelo Governo Latorre, em 1877, sobre a base da “*Ley de Educación Común*” de José Pedro Varela, fez com que a égide do governo central uruguaio tivesse um significativo avanço sobre a sociedade fronteira, com o objetivo principal da imposição “civilizadora” da língua espanhola e a assimilação cultural do norte às tradições sulinas (BEHARES, 2003). No entanto, apesar das ações políticas propostas pelo governo uruguaio, no norte do País continuou – e permanece até os dias atuais – o uso do Português do Uruguai, juntamente com o Espanhol. É importante destacar, portanto, que, durante o século XX, o espanhol já estava incorporado no norte do

Uruguai, como salienta Carvalho (2008), embora se registre também a permanência do português:

De fato, no começo do século 20, o espanhol já havia penetrado no norte onde se falava português, devido ao sucesso da educação pública, à migração de uruguaios do sul, e à fundação de diversas cidades fronteiriças. No entanto, apesar das políticas linguísticas que tentaram e tentam inibir o uso de português no norte do território uruaio, o português sobrevive e o bilinguismo é hoje difundido e diglósico (CARVALHO, 2008, p. 69).

É preciso destacar que o espanhol é a língua da escola e da vida pública no norte do Uruguai, conforme enfatiza Carvalho (2007; 2008), assim como Behares (1985) e Elizaincín (1992), porém o português continua sendo utilizado como um vernáculo nas interações intergrupais.

Vinculado a esse enfoque histórico da região fronteiriça entre o Brasil e o Uruguai, os primeiros linguistas que começaram a estudar e a descrever o Espanhol do Uruguai, há mais de 150 anos, percebem uma hibridização que havia ocorrido em toda a região norte que faz fronteira com o Brasil. Foi verificada a dominação linguística do Português sobre o Espanhol, depois da independência do Uruguai, no norte do país, com o estabelecimento de povoados ao longo da fronteira. Aí se tem, então, a origem do padrão de fala fronteiriço, geralmente identificado como *fronterizo*, portunhol ou DPUs (Dialeto Portugueses do Uruguai) (JUDD, 2007).

Pela preponderância do Português nessa região norte do Uruguai, a realidade do contato linguístico aconteceu, conseqüentemente, pela influência do Espanhol numa base bem estabelecida do Português.

A pesquisa sobre essa variedade da fronteira tem sido limitada a uns poucos pesquisadores que a estudaram sob a perspectiva da Dialetoлогия, do Contato de Línguas, da Fonologia, da Morfologia, da Sintaxe e Lexicografia, entre outros aspectos, com o objetivo de descrição e avaliação da situação linguística (JUDD, 2007).

1.2. Justificativa e objetivos da pesquisa

Considerando-se a prevalência do uso do Português no norte do Uruguai – na atualidade a literatura identifica tal variante da língua como “Português do Uruguai” (CARVALHO, 2007; 2010) –, esse constitui-se no foco da presente pesquisa. Este estudo tem justificativa em quatro razões basilares:

a) na necessidade de uma descrição acurada do sistema vocálico do Português do Uruguai (PU), diante do número ainda restrito dos estudos que focalizam tal variante dialetal;

b) na inexistência de investigação especificamente sobre o comportamento das vogais postônicas finais no PU, bem como de uma comparação desse sistema vocálico com o funcionamento das vogais na fonologia do Português Brasileiro (PB) e na fonologia do Espanhol do Uruguai (EU);

c) na relevância de um estudo sobre o PU falado em Tranqueras, cidade ao norte do Uruguai localizada no Departamento de Rivera – essa cidade não faz fronteira com o Brasil, mas nela o PU é adquirido pelas crianças como primeira língua: o PU é considerado como primeira língua, no interior dos departamentos da região norte do Uruguai. Segundo Behares (2011), 80% das crianças nascidas em Minas de Corrales (outra cidade que pertence ao Departamento de Rivera) têm, como L1, o PU;

d) nos resultados de um estudo-piloto com falantes de PU, na cidade de Rivera (zona urbana), que evidenciam o emprego de vogais no PU com características do comportamento do sistema vocálico do português do Brasil, como, por exemplo, o uso de médias baixas em sílaba tônica (não presentes fonologicamente no Espanhol), bem como a presença de processos fonológicos característicos das vogais do PB, mesmo em palavras que integram o léxico do Espanhol, como mostram os exemplos seguintes: *arregla* → arr[ɛ]gla (conjugação do verbo *arreglar*); *en serio* → [ĩ]n s[ɛ]rio; *pelota* → pel[ɔ]ta; *empieza* (*empezar*) → [ĩ]mp[ɛ]za (conjugação do verbo *empezar*); *chope* → ch[ɔ]p[e]; *maestra* → ma[ɛ]stra; *borrar* → b[ɔ]rra (conjugação do verbo *borrar*); *cierra* → c[ɛ]rra (conjugação do verbo *cerrar*); *zanahoria* → zana[ɔ]ria (CORDOBA; MATZENAUER, 2011).

O objetivo geral da presente pesquisa é descrever e analisar, com o suporte da Sociolinguística Variacionista, o comportamento das vogais médias no Português do Uruguai falado na cidade de Tranqueras – Uruguai.

Com esse intuito central, foram propostos cinco objetivos específicos:

1) Descrever o comportamento das vogais médias átonas finais do PU falado na cidade de Tranqueras, ao norte do Uruguai,

2) Verificar os processos fonológicos de que as vogais médias do PU são alvo, focalizando a neutralização das vogais postônicas /e/ e /o/.

3) Verificar se o processo de neutralização que opera nas vogais postônicas tem natureza variável e, nesse caso, se há a possibilidade de apontar para um processo de mudança;

4) Comparar o funcionamento das vogais médias no PU, no Espanhol do Uruguai (EU) e no Português Brasileiro (PB).

5) Analisar os resultados estatisticamente, com base nos fundamentos da Teoria da Variação, a partir do uso do aplicativo GOLDVARB 2001.

A pesquisa foi construída a partir de cinco questões norteadoras, a seguir discriminadas:

- a) Qual é o sistema de vogais médias postônicas átonas finais no PU falado por habitantes da cidade de Tranqueras?
- b) Os falantes de PU da cidade de Tranqueras empregam os processos fonológicos que têm alta incidência nas vogais do PB, como a neutralização das vogais postônicas?
- c) O processo de neutralização que opera nas vogais postônicas tem natureza variável? Se for confirmado o fenômeno da variação, poderá ser identificado um caso de mudança em curso?
- d) O comportamento das vogais postônica átonas finais no PU tem maior similaridade com o funcionamento das mesmas vogais no PB ou no EU?
- e) O que uma análise estatística à luz da Teoria da Variação é capaz de explicitar sobre os fenômenos estudados?

O texto que apresenta esta investigação está estruturado em cinco capítulos da seguinte maneira: o primeiro visa a introduzir o foco deste estudo, mostrando os principais pontos histórico-sociais da região de fronteira entre o Brasil e o Uruguai e o contato linguístico que dela surge. Também neste capítulo apresentam-se a justificativa e os objetivos que levaram ao desenvolvimento desta pesquisa. No segundo capítulo, apresentam-se os pressupostos teóricos que estão subjacentes à descrição e à análise dos dados linguísticos referentes ao norte do Uruguai, particularmente à cidade de Tranqueras, com foco na Teoria da Variação, para o olhar direcionado ao comportamento das vogais átonas finais no PU. A seguir, no terceiro capítulo, explicita-se a Metodologia seguida neste estudo. No quarto capítulo, trazem-se a descrição dos dados a partir do emprego do aplicativo GOLDVARB 2001, bem como as análises

feitas a partir do uso do desse aplicativo, juntamente com a discussão dos resultados. Por fim, expressam-se as conclusões acerca deste estudo sobre o fenômeno em pauta.

CAPÍTULO II

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em primeiro lugar, neste capítulo, apresenta-se o tópico relacionado às *Variedades linguísticas no norte do Uruguai*, já que essa é a região que o presente estudo tem como foco, trazendo-se, também, a caracterização da cidade de Tranqueras, localidade em que foram coletados os dados linguísticos aqui objeto de análise. Logo, caracteriza-se a *Teoria da Variação*, uma vez que os fenômenos analisados nesta pesquisa têm natureza variável na fonologia do PU. Por fim, expõem-se características dos sistemas vocálicos do português e do espanhol.

2.1. Variedades linguísticas no norte do Uruguai

O primeiro pesquisador a descrever a situação linguística ao longo da fronteira brasileira-uruguaia foi José Pedro Rona. O autor observa que o dialeto que se havia formado na fronteira é uma mistura de Português e Espanhol, porém essa mescla não é nem o Português nem o Espanhol – o resultado, segundo o autor, é a incompreensão do dialeto tanto pelos brasileiros como pelos uruguaios. O primeiro nome dado a esse dialeto foi o de *fronterizo* (RONA, 1963).

Rona (1965) explica que o efeito trazido pela ocupação luso-brasileira representa um significativo aumento de colonizadores portugueses na região do Rio da Prata. Em virtude de, mesmo após a obtenção da independência definitiva do Uruguai, esta corrente colonizadora não ter diminuído, portugueses e brasileiros terminaram por povoar todo o norte do Uruguai. Portanto, a base étnica, e, conseqüentemente, a base linguística de toda essa zona é de origem portuguesa e não espanhola (RONA, 1965).

Assim, o autor afirma o seguinte em relação ao discutido aqui:

Quando estudiamos los orígenes de los actuales dialectos fronterizos, debe tenerse en cuenta que no se trata de una influencia del portugués sobre el castellano [...] sino, al revés, de la influencia del castellano sobre una base portuguesa (RONA, 1965, p.8).

Dentro dessa perspectiva, as pesquisas de Rona (1963; 1965) sobre a variedade linguística dessa região apontam a constatação de que tanto a fonologia como o léxico são oriundos basicamente do português. Por isso, o pesquisador propõe a existência de dois dialetos *fronterizos* diferentes:

- um dialeto *fronterizo* de base portuguesa, o qual possui praticamente um sistema fonológico com características da língua portuguesa e, conseqüentemente, um campo lexical predominantemente português;
- um dialeto *fronterizo* de base castelhana, sendo que o autor argumenta que esse dialeto não sofre diferença comparado ao do resto do Uruguai, mas que possui influências lexicais, morfológicas e sintáticas do português sem sua predominância.

Além disso, sobre os estudos de Rona (1965), Carvalho (2003) argumenta que na atualidade sua proposta ainda é fundamental, pois está relacionada à distinção entre a variedade do português usada por falantes bilíngües e o *fronterizo*. Segundo a autora, é importante salientar, sobre a proposta de Rona (1965), que não há dois sistemas fônicos e, sim, um sistema, que possui algumas características portuguesas e outras castelhanas. Assim, o *fronterizo* caracterizado por Rona (1965) deve ser falado por sujeitos monolíngües desse sistema (CARVALHO, 2003b).

Rona (1965) afirma o seguinte sobre a constituição do *fronterizo*:

[...] un sistema nuevo, sus características son, en fin, totalmente independientes, es decir, diferentes del portugués como del castellano, aunque resultan de la interacción de estos sistemas (RONA, 1965, p.27).

A seguir, apresenta-se, na Figura 5, o mapa no qual Rona (1965) descreve a situação do *fronterizo* falado na zona norte do Uruguai.

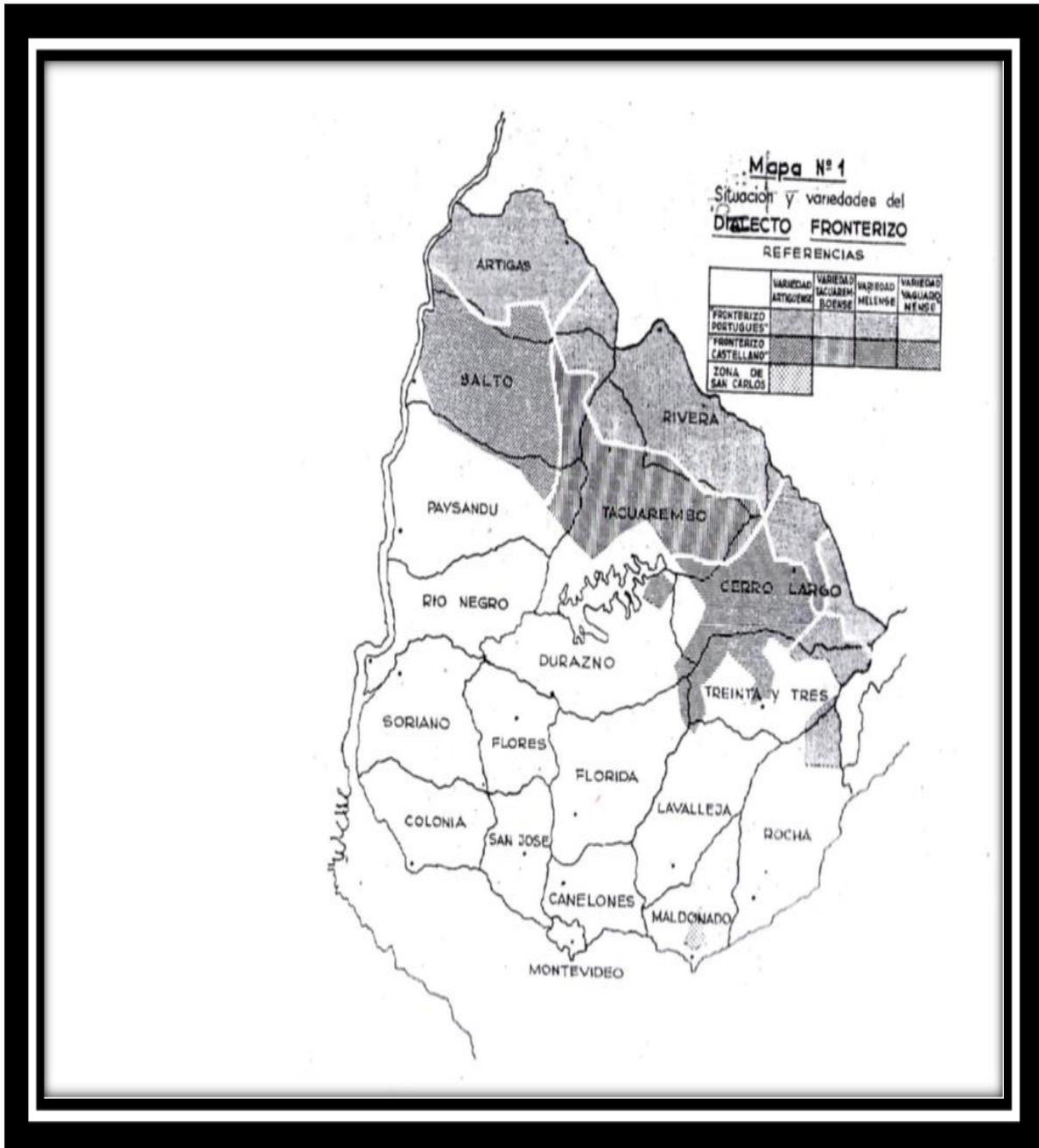


FIG. 5 – Mapa com a representação dos dialetos *fronterizo portugués* e *fronterizo castellano*

Conforme se observa no mapa acima, Rona (1965) diferencia ambos os dialetos da seguinte maneira: o dialeto *fronterizo* português é constatado nos Departamentos de Artigas e Rivera e, também, em parte dos Departamentos de Salto e Tacuarembó, que fazem limite com os de Artigas e Rivera. Já o dialeto *fronterizo* castelhano pertence aos Departamentos de Salto, Tacuarembó, Cerro Largo e a partes do interior do Departamento de Artigas, Treinta e Três e Rocha.

Além disso, Rona (1965) apresenta um segundo mapa – Figura 6 – no qual mostra a situação populacional da zona norte do Uruguai, povoada por brasileiros no ano de 1861.

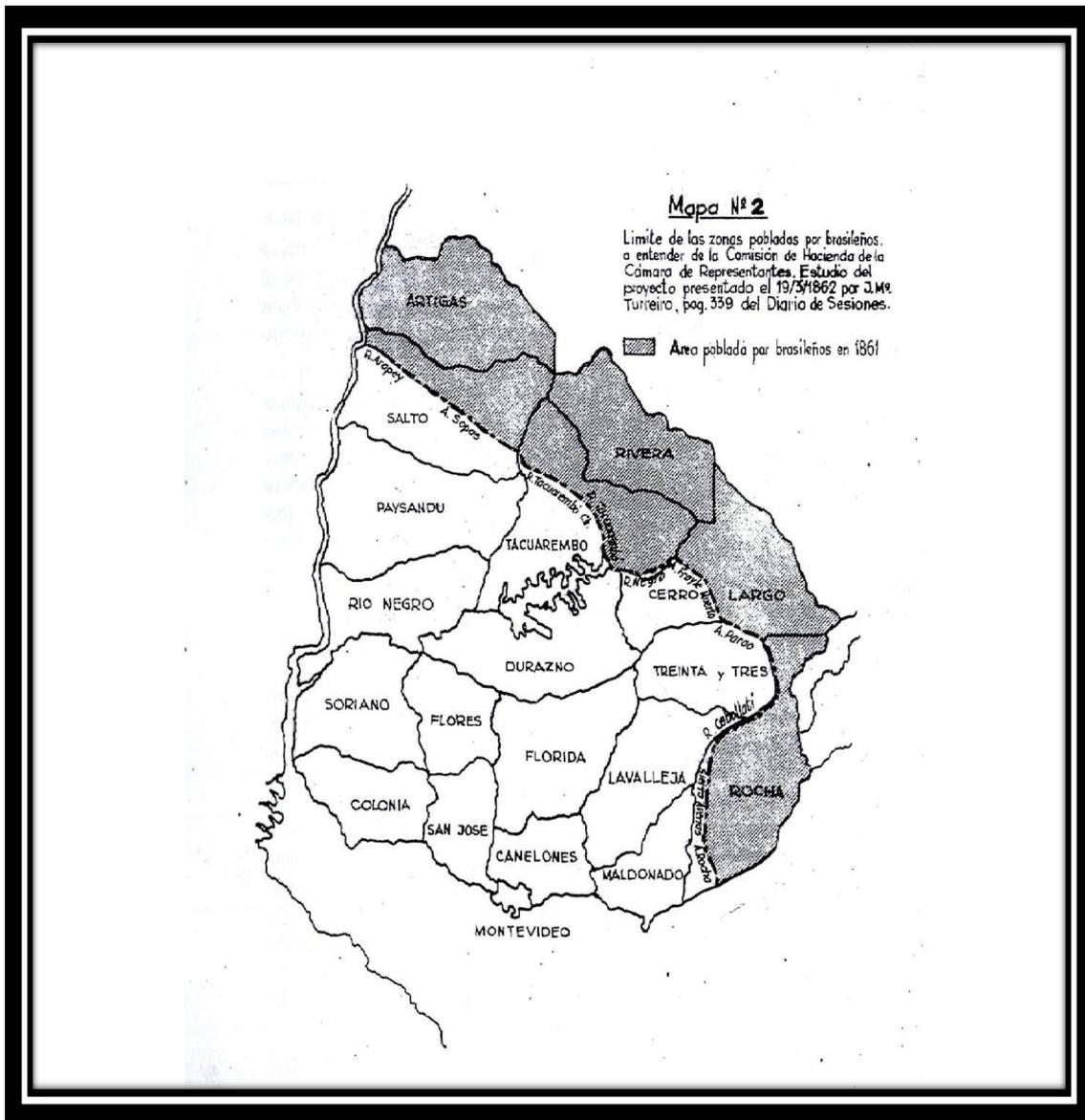


FIG. 6 - Mapa uruguaio cuja área destacada era povoada por brasileiros no ano de 1861

Na perspectiva teórica da Sociolinguística, encontra-se a tese de doutorado do pesquisador Frederick Hensey, intitulada *The Sociolinguistics of the Brazilian-Uruguayan Border*, publicada em 1972, considerada o primeiro estudo variacionista realizado ao mesmo tempo nas duas cidades de Rivera (URU) - Livramento (BRA) (MEIRELLES, 2006). Por essa razão, a pesquisa de Hensey (1972) sobre o PU falado

nas comunidades fronteiriças no norte e do Uruguai difere do trabalho anterior de Rona (1965).

Em seu estudo, Hensey (1972) lida com a situação do dialeto *fronterizo* entre as comunidades fronteiriças brasileiro-uruguaia, que o autor denomina de cidades gêmeas, conforme explica a seguir:

The border population is concentrated in and around a set of twin cities, named in order Brazil/Uruguay. These are: Quaraí/Artigas, Livramento/Rivera; Aceguá/Aceguá; Jaguarão/Rio Branco and Xui/Chuy. In Livramento/Rivera and Xui/Chuy, the border is a street, otherwise, a river (HENSEY, 1972, p. 13).

Hensey (1972) destaca ser comum encontrar um maior número de uruguaios que falam a língua portuguesa do que brasileiros que falem o Espanhol. Também refere que o bilinguismo ocorre com maior frequência entre os uruguaios do que entre os brasileiros. Outro dado importante sobre a pesquisa do autor revela que os adultos uruguaios, da região por ele estudada, são monolíngues em Português, enquanto que as crianças são consideradas bilíngues (HENSEY, 1972).

Ainda sobre o estudo de Hensey (1972), Carvalho (2003) esclarece que:

O autor segue a distinção proposta por Elizaincín entre o *fronterizo* e o *português* baseada no tipo de falante, ou seja, enquanto que bilíngues residentes nas cidades falam português além do espanhol, os monolíngues falam somente o *fronterizo* (CARVALHO, 2003b, p. 128).

Hensey (1972) ainda destaca que o uso do Português por falantes riverenses aumentou consideravelmente, enquanto que o uso do Espanhol por falantes santanenses não cresceu.

De acordo com Carvalho (2003), em estudos posteriores propostos por Hensey (1982;1984), o pesquisador reconhece o fato de não haver um consenso em relação à classificação tipológica do português uruguaio por parte do sistema educativo uruguaio, sobre a classificação de línguas, variantes ou dialetos em contatos (HENSEY, 1982). Logo após, Carvalho (2003b) comenta que Hensey, em 1984, publica um trabalho no qual afirma que a variante em questão é uma interlíngua ou interleto, pois o português uruguaio deve ser visto como uma interlíngua por questões pedagógicas.

Estudos posteriores, como os de Elizaincín, Behares e Barrios (1987), propuseram uma designação alternativa para este dialeto. A expressão que veio a ser preferida é *Dialectos Portugueses do Uruguai* (DPU). A justificativa para essa nova denominação tem, para os autores, os seguintes fundamentos:

- a) o termo *dialeto* é considerado um termo neutro, no sentido diatópico, sendo uma forma peculiar de falar de uma determinada zona de um país;
- b) o adjetivo *portugueses* explica-se tratar de formas mistas da língua portuguesa, as quais evidenciam a forte influência do Espanhol.

Esse estudo, realizado em 1987, publicado no livro *Nos falemos brasileiro*, teve como foco a discussão de aspectos morfossintáticos desses dialetos a partir de uma análise sociolinguística variacionista. Nele, os autores constataram que os DPUs possuem uma grande *variabilidade*. Segundo os autores, o termo variabilidade tem destaque nesse trabalho, pois há uma relação de contato entre duas línguas (ELIZAINCÍN; BEHARES; BARRIOS, 1987).

Ainda sobre essa questão, os autores argumentam o seguinte:

[...] en el marco de las lenguas estándar, es conveniente usar “variabilidad” para referirse a la situación imperante en los dialectos bilingües, es decir, para aquellos casos en que dicha variabilidad es notoriamente causada por el contacto de dos (o más) lenguas (ELIZAINCÍN; BEHARES; BARRIOS, 1987, p. 16).

Porém, os autores diferenciam, até por questões metodológicas, dois tipos de variabilidades, como se observa a seguir:

- a) variabilidade interna: é consequente da instabilidade da gramática interna dos DPUs;
- b) variabilidade externa: relaciona-se com a distribuição diatópica da variabilidade interna das formas e estruturas (ELIZAINCÍN; BEHARES; BARRIOS, 1987).

Entretanto, desde uma ótica fonológica, os pesquisadores ressaltam que as vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ] não existem como fonemas no Espanhol, mas apenas no Português.

Desde o ponto de vista fonético, há vogais médias baixas em Espanhol, embora não sejam tão abertas como no Português. Ainda pode-se afirmar que o grau de abertura varia como em Português, porém não na mesma medida. A diferença fundamental,

portanto, está no que diz respeito à questão fonológica. Posteriormente, na sessão sobre as vogais do PB e do EU, será desenvolvida esta questão.

Especificamente com relação ao DPU, salientam, em relação às consoantes, ocorrências alternadas entre as consoantes [b] e [v]. E, ainda, o estudo mostra que há a palatalização das dentais [t] e [d].

Sobre o *status* dos DPUs, Meirelles (2006), referindo sua possível caracterização como a de pré-pidgins (ELIZAINCÍN; BEHARES; BARRIOS, 1987), tem posição discordante, uma vez que os DPUs não possuem em sua estrutura uma característica de pidgin. Para defender sua justificativa, Meirelles (2006) cita Hocks (1991), cujo estudo define um pidgin como uma simplificação radical de estruturas linguísticas e de vocabulário, já que um pidgin se caracteriza por possuir um vocabulário de poucas palavras, aproximadamente entre 1000 e 2000 palavras. Para Meirelles (2006), a caracterização dos DPUs dada por Elizaincín, Behares e Barrios (1987) como pidgins não condiz com o uso real dessa variedade (MEIRELLES, 2006).

Ainda sobre os DPUs, vale ressaltar o estudo monográfico de Laffin² (2011), no qual a autora faz uma revisão bibliográfica a respeito do contato linguístico na fronteira Brasil–Uruguai, buscando, sobretudo, ressaltar algumas lacunas teóricas e buscar possíveis futuros estudos na área. Na discussão sobre a diferença entre língua e dialeto, Laffin (2011) apresenta crítica à definição dada aos DPUs como *dialeto*, pelos autores Elizaincín, Behares e Barrios (1986), como um termo neutro e que tem como característica essencial uma forma peculiar de falar de uma determinada comunidade.

Laffin (2011) enfatiza o seguinte:

É preciso, por isso, considerar as diferentes conotações para este termo. Quando Barrios, Elizaincín e Behares em seu livro com o sugestivo título *Nos falemo brasileiro* dissertam acerca dos *Dialetos portugueses en Uruguay*, os chamados DPU, afirmam curiosamente não pressupor desprestígio nesse “modo de falar”. Sabemos, no entanto, com base em outros estudos (KERSCH, 2006) que nem sempre é assim (LAFFIN, 2011, p. 13).

Dentro desse contexto, defende-se como Laffin (2011) a posição de que o termo *dialeto* pode ser conotado de desprestígio desde um ponto de vista pejorativo, pois pode apontar variedades sem prestígio. Assim, toma-se aqui a posição pelo termo *variedade*,

² Monografia intitulada de: *O contato linguístico português-espanhol na fronteira entre Brasil e Uruguai: estado da pesquisa e perspectivas futuras*. Defendida em dez. de 2011.

evitando, assim, alguns juízos de valor. Além disso, o termo *variedade* é visto, na literatura, precisamente nos estudos de Ana Maria Carvalho, exatamente para designar e caracterizar o Português do Uruguai, que será discutido na subseção posterior.

Na atualidade, então, Ana Maria Carvalho afirma que as denominações dadas às variedades em foco, como, por exemplo, ‘*Fronterizos*’ (RONA, 1963; 1965); os DPUs; *brasileiro*, entre outras denominações (ELIZIANCÍN; BEHARES; BARRIOS, 1987) identificam variedades do Português do Uruguai e, por isso, a autora utiliza a expressão *Português do Uruguai* – PU, para identificar as variantes em questão (CARVALHO, 2007; 2010).

A autora define o PU como uma variedade linguística rural falada como língua de herança em várias comunidades bilíngues e diglósicas; e também é uma variedade falada ao longo da fronteira uruguaio-brasileira desde os tempos coloniais (CARVALHO, 2008).

Meirelles (2006), que também defende a proposta de Carvalho como a mais viável sobre o estudo da variante em pauta, afirma o seguinte:

[...] não cabe denominar esses dialetos de pidgins, pois a estrutura linguística e os usos deles não permite essa afirmativa, ao mesmo tempo, a história do lugar e as pesquisas de Rona (1963,1965) e Hensey (1972) apontam para o fato de que o espanhol é de uso recente nessas comunidades fronteiriças (MEIRELLES, 2006, p. 55).

A seguir, fala-se sobre o PU, que se mostra como a melhor denominação e abordagem para a situação linguística no norte e nordeste do Uruguai.

2.1.1. O Português do Uruguai

O PU é o Português falado, como primeira língua, no interior dos departamentos da região norte do Uruguai, coexistindo com o Espanhol Uruguaio (EU), que é considerado língua nacional pela Constituição uruguaia (CARVALHO, 2008).

Segundo Behares (2011)³, 80% das crianças nascidas em Minas de Corrales (interior do Departamento de Rivera – Uruguai) têm, como primeira língua (L1), o PU. Como o PU sofre influência do EU, tem, em sua estrutura, características fronteiriças.

³

Palestra proferida no Seminário Internacional – *Línguas em contato: onde estão as fronteiras?* (UFPEL) – Jun. 2011.

Também na cidade de Tranqueras, pertencente ao Departamento de Rivera, as crianças adquirem como L1 o PU. Com motivação nessa realidade, além do fato de não haver descrições detalhadas sobre a variante linguística falada nessa localidade, a presente pesquisa a elegeu como foco do estudo para analisar o processo da neutralização das vogais médias átonas finais.

Na literatura, encontram-se alguns estudos, como os de Elizaincín, Behares e Barrios (1987) e Elizaincín (1992), em que é feita uma análise da variabilidade dos DPUs no que tange a questões morfossintáticas. Mais adiante voltar-se-á a discutir o trabalho de Elizaincín (1992).

Quanto ao PU, foco desta subseção, Carvalho (2008) faz o seguinte esclarecimento, considerando outros estudos já realizados:

O estudo sistemático da variação interna do português uruguaio nos leva à abstração de um contínuo dialetal que substitui a dicotomia anteriormente [...] entre o português dos bilíngües estudado por Hensey na cidade de Rivera, e o DPU/fronterizo primeiramente detectado por Rona nas áreas rurais e estudado detalhadamente por Elizaincín na fala das camadas sociais baixas da periferia de Rivera (CARVALHO, 2003b, p.134).

Portanto, pode-se dizer que o PU é um contínuo de variação do PB que consiste, segundo Carvalho (2003; 2008), em uma série de possibilidades que o falante possui de utilizar-se tanto do português brasileiro urbano, doravante PBU, e do português uruguaio rural, doravante PUR. Além disso, a autora menciona que, na cidade de Rivera, o português usado se aproxima mais ao PUR, dentro de um processo de focalização, ou mais ao PBU, num processo de difusão social (CARVALHO, 2003b; 2008).

De acordo com Carvalho (2008), em seu trabalho intitulado *Eu gosto da Globo falar português: palatalização e urbanização do português uruguaio*, a autora discute que o PU sofreu uma urbanização; isso quer dizer que, em sua estrutura, além de ter características do PUR, apresenta, também, características de variantes urbanas brasileiras faladas na televisão brasileira às comunidades monolíngües brasileiras; assim, nesse caso, refere-se ao PBU.

A hipótese de uma difusão dialetal sustenta-se em Rivera, pois a maioria da população rechaça o PUR, que é estigmatizado pelos membros dessa comunidade pelos

seguintes motivos: é um português rural, não oficial, preferido pelas camadas populacionais mais baixas e influenciado pelo espanhol (CARVALHO, 2003b).

Segundo Carvalho, o conceito de difusão dialetal é apresentado por Bortoni-Ricardo (1985) em seu estudo sobre a urbanização de dialetos rurais. Referindo Bortoni-Ricardo (1985), Carvalho (2003b) apresenta esta manifestação:

Ao adotar a dicotomia proposta por Le Page entre focalização e difusão, Bortoni-Ricardo propõe que a variedade usada em comunidades rurais e isoladas são variedades altamente focalizadas, contendo variantes não padrão que definem uma distinção clara entre variedades urbanas e rurais. À medida que os falantes desta variedade entram em contato com a língua padrão, seu dialeto tende a tornar-se mais difuso, e a ocorrência de variantes tipicamente rurais, que era praticamente categórica, passa a ser variável (CARVALHO, 2003b, p. 134).

Por essa razão, de acordo com Carvalho (2003b), em Rivera encontra-se um dialeto ‘fronteiriço’ devido à transição que ocorre entre a focalização e a difusão dialetal, possibilitando que alguns falantes produzam outro dialeto, dependendo das escolhas fonéticas e lexicais de algumas variedades.

Como forma de ilustrar o mencionado acima, na figura 7, apresenta-se um esquema proposto por Carvalho (2003b, p 135) sobre o resultado do contato desses dois dialetos:

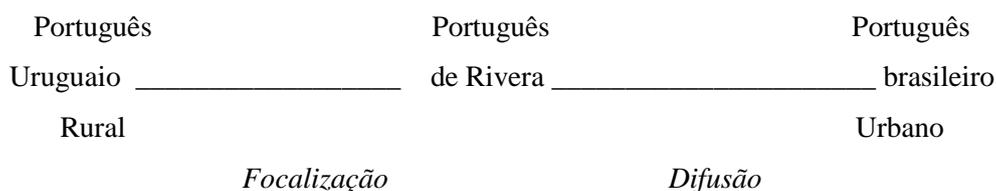


FIG. 7 – Resultado do contato dos dois dialetos do português, o uruguaio rural e o brasileiro urbano

Então, o resultado do contato entre esses dois dialetos do português é um *continuum* de variação estilística e social entre as formas locais e não locais (CARVALHO, 2003b).

A autora sustenta essa hipótese ao realizar um estudo sobre a vocalização da lateral [ʎ] que em muitos casos é pronunciada pela semivogal [j]. Dessa forma, a

pronúncia da semivogal [j] é característica de dialetos rurais e das classes de trabalhadores em todo o Brasil, portanto ela é estigmatizada socialmente (CARVALHO, 2003).

Abaixo, apresenta-se a figura 8, constituída por uma tabela onde consta o resultado de uma análise por meio do aplicativo VARBUL⁴ do uso do [ʎ] :

Fatores de grupo	Fatores	% de [ʎ]	Total de ocorrência	Peso de fator	Ordem
Estilo	Formal	82% (292)	356	.86	1
	Informal	39% (532)	1381	.38	
Grupo socioecon.	Média-média	76% (326)	429	.76	2
	Média-baixa	55% (290)	526	.59	
	Baixa	27% (208)	782	.30	
Gênero	Mulher	54% (480)	885	.59	3
	Homem	40% (344)	852	.41	
Idade	16-29	58% (324)	559	.61	4
	30-49	44% (263)	592	.45	
	50-70	40% (237)	586	.41	

FIG. 8 - Análise de Varbrul do uso de [ʎ] segundo fatores sociais e estilísticos (CARVALHO, 2003)

Observa-se, nos resultados da figura 8, uma estratificação social e estilística⁵ na distribuição do uso do [ʎ]. Isso quer dizer que os resultados do VARBRUL mostram um peso de probabilidade .86, indicando que o fator mais importante de condicionamento no emprego do [ʎ] é o estilo formal, ao passo que, em relação ao estilo informal, há uma menor ocorrência, representada por .38 de peso relativo.

Quanto ao grupo socioeconômico, esse ficou em segundo lugar, segundo a tabela acima, a qual mostra que a classe média-média possui uma alta probabilidade de produzir o [ʎ] em sua fala: um peso relativo de .76 de probabilidade. Também, os dados

⁴ O pacote sistema VARBRUL foi desenvolvido por Cedergren e Sankoff (1974) com o objetivo de implementar modelos matemáticos ao tratamento estatístico adequado a dados linguísticos analisados na Teoria da Variação de William Labov.

⁵ A estratificação estilística é uma proposta metodológica apresentada por Labov (2008 [1972]) que tem a ver com a quantidade de atenção que se dá à fala.

da tabela evidenciam que as variáveis gênero e faixa etária apresentam valores menos significativos.

Portanto, Carvalho (2003) chega à seguinte conclusão em relação aos resultados apresentados na figura 8, como se observa a seguir:

A grande variação estilística demonstra que o português uruguaio falado em Rivera não é monoestilístico, como proposto anteriormente por Behares (1984). A variação estilística corresponde à variação segundo grupos sociais, pois, quanto mais baixa a classe social, menor a probabilidade de que se produza [ʎ]. O que leva as classes mais altas a produzirem [ʎ] e desta maneira a difundir o português em direção ao PBU é seu estilo de vida e ideologia que as levam a assimilar a língua e cultura urbana nacional como um esforço de distanciar-se da cultura fronteira, rural e híbrida (CARVALHO, 2003, p. 137).

Além disso, Carvalho (2003) aponta que esse comportamento aparece em escala maior em mulheres e jovens. Em sujeitos idosos e trabalhadores há a produção, em sua maioria, do [j], focalizando a sua variante no PUR e, então, afirmando sua identidade cultural rural e fronteira⁶.

Contudo, a autora afirma que o que se observa neste dialeto é uma correlação entre os fatores extralinguísticos e linguísticos estudados, revelando, assim, como qualquer outro dialeto, padrões predizíveis de variação.

2.1.2. A cidade de Tranqueras

Tranqueras é uma cidade pequena, habitada por uma comunidade tranquila, que cultiva valores locais e brasileiros, pois é forte a influência cultural do Brasil, principalmente com relação à música e à televisão brasileiras.

Esta localidade já foi, também, foco de alguns estudos de cunho variacionista laboviano, tais como os de Elizaincín; Behares e Barrios (1987)⁷; e também, Elizaincín (1992). Neste último estudo, o autor publica o livro *Dialectos en Contacto – Español y Portugués en España y América*. Elizaincín (1992) lida com as questões do contato linguístico na fronteira Brasil-Uruguaí, bem como na fronteira entre Portugal e Espanha.

⁶ Os resultados de Carvalho (2003b) corroboram os apresentados por Thun; Elizaincín (2000) no *Atlas diatópico y diastrático del Uruguay – Frontera con Brasil*. Nesse Atlas os autores apresentam um estudo sobre a lateral palatal [ʎ] tem dois grupos etários e duas classes sociais.

⁷ O estudo desses autores está publicado no livro *Nos falemo brasileiro* (1987), que já foi discutido na subseção anterior.

Em um dos capítulos desse livro, observa-se uma análise sobre a variabilidade dos DPUs na fala de 139 sujeitos fronteiriços de diversas localidades da zona norte do Uruguai, como, por exemplo, a comunidade de Tranqueras⁸. Além disso, nesse trabalho, Elizaincín (1992) realiza uma breve descrição sobre a comunidade de Tranqueras. Ainda, sobre o estudo em pauta, é relevante afirmar que aqui a discussão parte dos aspectos morfossintáticos.

A seguir, na figura 9, tem-se a representação do mapa da zona norte uruguiaia, onde se encontram os falantes do PU.

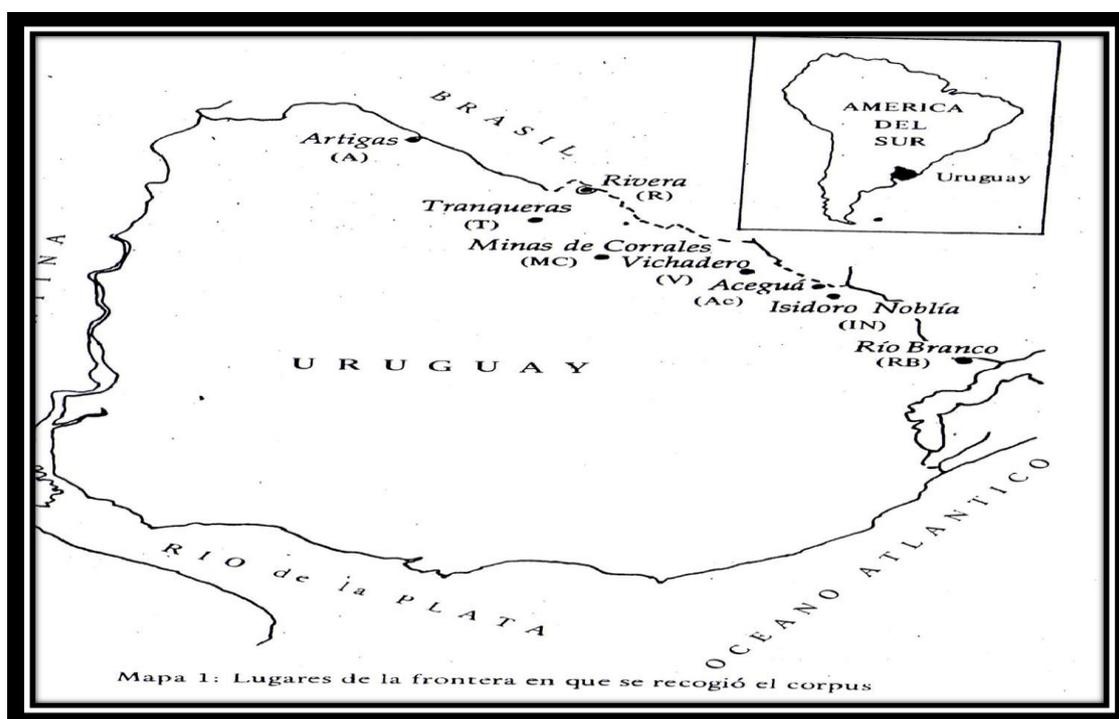


FIG. 9 – Mapa da zona norte do Uruguai e das comunidades, como Tranqueras, que integram falantes do PU

Na atualidade, Tranqueras é uma cidade pertencente ao Departamento de Rivera – Uruguai. De acordo com os dados do último Censo uruguaio de 2011, Tranqueras possui 7.235 habitantes. A cidade está localizada na Tercera Sección do Depto de Rivera, a 474 km de Montevideú e a 54 km da Capital Rivera.

Abaixo, observa-se, na figura 10, o mapa atual da cidade de Tranqueras – Uruguai.

⁸ Nesse estudo, Tranqueras era considerado um ‘povoado’ pertencente ao Departamento de Rivera.

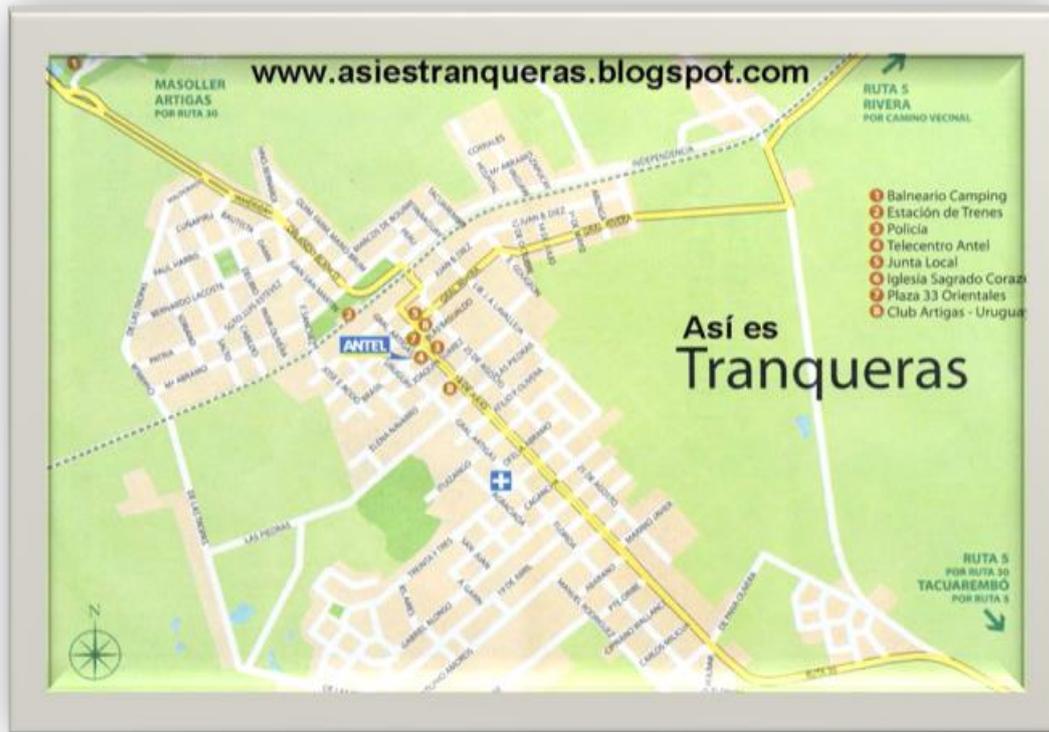


FIG. 10 - Mapa da Cidade de Tranqueras

A cidade está rodeada por uma zona agrícola-pecuária, onde se destacam a produção de melancia, produtos hortifrutigranjeiros, tais como laranja e outros cítricos. Outro fator importante para a economia da cidade é a atividade de apicultura, assim como a pecuária e a silvicultura. Esta última fez com que a cidade de Tranqueras fosse considerada um polo florestal do departamento de Rivera. Por isso, em Tranqueras há a instalação de importantes empresas florestais, com grandes superfícies de plantas, de processamento de madeira e de diversos serviços relacionados à madeira.

Além disso, a cidade oferece uma gama variada de comércios minoritários, tais como: farmácias, agros, supermercado, entre outros.

Em relação às atrações naturais, a cidade oferece a conhecida *Bajada de Pena*, localizada na estrada km 30, a 18 km de Tranqueras, pertencente à *Cuchilla Negra*. Há, também, outros lugares considerados pontos turísticos importantes na zona norte do país, como, por exemplo, o *Valle del arroyo Lunarejo*, importante e rico por sua biodiversidade; o rio *Tacuarembó* e outros arroios: o *Zanja Honda* e *Rubio Chico*, além da destacada *Sierra de la Aurora*.

Dentro da zona urbana, destaca-se um número razoável de ruas pavimentadas e com iluminação pública, praças e um estádio de futebol. Em relação aos centros educativos, Tranqueras conta com quatro escolas públicas, sendo que uma delas é uma escola bilíngue Espanhol/Português. E, também, algumas creches públicas e um Liceo público de ensino médio uruguaio, além de contar com uma escola de educação técnica chamada de *Escuela Técnica de Tranqueras*, que depende da UTU⁹ de Rivera.

A cidade oferece outros serviços, como as oficinas públicas municipais, polícia, bombeiros, correios, os bancos do Estado, além de um *Centro de Salud Pública*.

Sobre as atividades populares, destacam-se as *Fiestas Criollas*, a *Fiesta de la Cerveza*, la *Fiesta de la Sandía* e da *Forestación*.

2.2. Teoria da Variação

A Teoria da Variação Linguística ou a Sociolinguística Variacionista, cujo precursor é o linguista William Labov, tem como objeto principal o estudo da variação da linguagem.

O estudo que deu origem à primeira publicação sobre a Teoria da Variação foi à obra chamada *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, escrita por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin I. Herzog no ano de 1968 (traduzida para o português em 2006).

Segundo Labov (1994), a linguagem é definida como um instrumento de comunicação utilizado por uma comunidade de fala. Ao discutir variação e mudança, Labov lembra o fato fundamental de toda língua ser um sistema de associações entre formas arbitrárias e seus significados.

Sobre isso, Labov (1994) enfatiza o seguinte:

El cambio lingüístico implica una perturbación de la relación forma/significado tal, que las personas afectadas por el cambio ya no amojonan por más tiempo el significado de la misma manera que las que no lo han experimentado – las personas de más edad de la comunidad, o las personas de la misma edad de comunidades vecinas. El resultado es una pérdida de comprensión entre dialectos y, en último término, la mutua ininteligibilidad (LABOV, 1994, p. 41).

⁹

Para compreender uma mudança linguística, Labov (2008 [1972]) defende que se deve atentar para três problemas diferentes: a origem das variações linguísticas; a difusão e a propagação das mudanças linguísticas; e a regularização da mudança linguística. E, ainda, ressalta que a mudança linguística¹⁰ nasce da variação de uma ou mais palavras na fala de um ou de um grupo de indivíduos pertencentes a uma comunidade de fala (LABOV, 2008 [1972]).

A expressão *comunidade de fala* é utilizada por Labov para tratar de comunidades formadas por indivíduos que se utilizam das mesmas formas de uso da língua. Assim, a comunidade não é compreendida como uma propriedade do indivíduo, porém de um grupo social (LABOV, 1994).

Então, dentro de uma comunidade de fala, as possíveis variações linguísticas e extralinguísticas decorrem de processos, de acordo com Labov (2008 [1972]):

Essas variações podem ser induzidas pelos processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas dos indivíduos (LABOV, 2008 [1972]).

A partir de processos variacionistas, podendo passar por diferentes estágios evolutivos, na língua pode configurar-se a mudança: em uma última etapa, uma das formas em variação geralmente se mantém e, então, a regularidade é atingida (LABOV, 2008 [1972]). Assim, o autor salienta que a variação e a mudança estão inter-relacionadas e que a mudança implica uma variação, porém a forma inversa não é sempre verdadeira.

Portanto, a teoria da variação lida com a heterogeneidade das línguas e essa heterogeneidade linguística surge das diversas maneiras de como as línguas se relacionam dentro de uma estrutura social.

De acordo com Tarallo (2005), a Teoria da Variação lida com uma determinada comunidade de fala com diferenças de natureza social que podem implicar diferenças no uso da língua, como, por exemplo, o fato de poder ser constituída por homens e mulheres, de diversas etnias, cada um com suas características individuais distintas;

¹⁰ Em sua obra *Padrões Sociolinguísticos* (1972), Labov trata, em um dos seus capítulos, sobre a mudança linguística a partir de seu estudo realizado na comunidade de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts – EUA – onde a mudança se dá por uma alteração na posição fonética dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw/.

essas particularidades podem gerar formas diferentes de linguagem. Esses são fatores que condicionam influências de caráter externo à língua.

Além disso, a língua está sujeita a sofrer variações que são subordinadas a fatores internos à língua, como tipo de estrutura silábica, contexto adjacente e acento, por exemplo.

Mollica (2008), sobre as variantes internas e externas, salienta o seguinte:

No conjunto das variáveis internas, encontram-se os fatores de natureza fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais. Eles dizem respeito a características da língua em várias dimensões, levando-se em conta o nível do significante e do significado, bem como os diversos subsistemas de uma língua. No conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva) (MOLLICA, 2008, p.11).

Portanto, Mollica (2008) esclarece que as variáveis internas se relacionam aos traços próprios do sistema linguístico, enquanto que as variáveis externas se referem a características circunstanciais que podem envolver os falantes ou os eventos da fala.

É importante salientar que todos os fatores mencionados acima interessam à Sociolinguística, porque seu material é a diversidade da linguagem.

As variantes, na língua, podem estar em competição; isso quer dizer que ora ocorre uma, ora outra. Entretanto, como a variação não é aleatória, cabe ao linguista variacionista definir o *envelope da variação*: isso significa que devem ser descritas detalhadamente as variantes concorrentes, com a verificação dos contextos favorecedores de uma ou outra forma de uso da língua (TARALLO, 2005).

2.3. Os sistemas vocálicos do Português e Espanhol

2.3.1. O sistema vocálico do Português

Mattoso Câmara Jr. (2008 [1970]), ao apresentar as vogais do Português, classifica-as em sete fonemas vocálicos. O autor afirma que há uma vogal central, a vogal /a/, numa posição relaxada da língua, baixa. Porém, através de uma elevação

gradual da língua, na parte anterior ou posterior, estão as vogais médias baixas /E, O/ e, também, as médias altas /e, o/. Por fim, em uma elevação ainda maior da língua, em posição alta, as vogais /i, u/.

Conforme é apresentado em (11), Câmara Jr. (2008 [1970]) representa as vogais, em posição tônica, por meio de um triângulo¹¹.

(11)

Não arredondadas		arredondadas
altas	/i/	/u/
médias	/ê/	/ô/ (2º grau)
médias	/é/	/ó/ (1º grau)
baixa	/a/	

(CÂMARA JR., 2008 [1970])

Câmara Jr. (2008 [1970]) salienta que, diante de consoante nasal, o sistema vocálico tônico do português se mostra reduzido:

No português do Brasil, a posição da vogal tônica diante da consoante nasal na sílaba seguinte (ex: *amo, lenha, sono*) elimina as vogais médias de 1º grau e torna a vogal baixa central levemente posterior, em vez de anterior, o que auditivamente lhe imprime um som abafado (CÂMARA JR. 2008 [1972]).

Então, as sete vogais da posição tônica reduzem-se a cinco, com uma variante posicional [â] diante de uma consoante nasal na sílaba seguinte, como se observa em (12).

(12)

altas	/i/	/u/
médias	/ê/	/ô/ (2º grau)
baixa	/â/	

(CÂMARA JR., 2008 [1970])

¹¹

Trubestzkoy (1929) chamou de sistema vocálico triangular.

Segundo Câmara Jr (2008 [1972]), é pertinente considerar a neutralização das vogais em posições átonas. O próprio autor explica o seguinte em relação às vogais pretônicas e postônicas não finais e finais:

Todos os fonemas vocálicos, em termos fonéticos, apresentam variação articulatória e auditiva, então. Mas o que essencialmente caracteriza as posições átonas é a redução do número de fonemas. Isto é, mais de uma oposição desaparece ou se suprime, ficando para cada uma um fonema em vez de dois. É o que Trubetzkoy tornou um conceito clássico em fonologia com o nome de “neutralização” (al *Aufhebung*) (CÂMARA JR. 2008 [1972], p. 43).

Há, portanto, perda de oposição entre as vogais do PB em sílabas pretônicas e postônicas. No sul do Brasil, a perda de contraste na posição pretônica implica que, nas formas de *output*, apenas tenham manifestação as médias altas /ê/ e /ô/.

Ainda sofrendo influência do acento primário da palavra, o autor explica que, em sílaba postônica não final, dentre aquelas cinco vogais pretônicas, ainda se perde a média alta arredondada /ô/; na sílaba postônica final, desaparecem as médias, restando apenas três vogais: /i/, u, a/. Quanto à posição postônica final, portanto, ocorre o fechamento variável /e/ para [i], segundo Câmara Jr. (2008 [1972]), como ocorre também com /o/, que passa para [u].

Tem-se, então, de acordo com Câmara Jr. (2008 [1972]), três quadros de vogais átonas, chegando a um sistema de três vogais – esse sistema é apresentado, em (13), a seguir.

(13)

- 1º quadro – vogais pretônicas:

altas	/i/	/u/
médias	/ê/	/ô/
baixa	/a/	

- 2º quadro – Vogais postônicas não finais:

altas	/i/	/u/
médias	/.../	/ô/
baixa	/a/	

- 3º quadro – Vogais átonas finais diante ou não de /s/ no mesmo vocábulo:

altas	/i/	/u/
baixa	/a/	

(CÂMARA JR., 2008 [1970])

O presente estudo, na análise do comportamento das vogais médias, focaliza a posição postônica final, na qual, no português, funciona um sistema de apenas três segmentos vocálicos.

2.3.2. O Sistema vocálico do Espanhol

O Espanhol tem cinco fonemas vocálicos – /i/, /e/, /a/, /o/, /u/ – os quais se mantêm tanto em posição átona como tônica, bem como em início, meio e final de palavra, de acordo com Navarro 1961; Rioja, 1966; Sánchez, 1989; Llorach, 1965; Lloyd, 1993; Quilis, 1998-1999; Torrego, 2002.

Assim, observa-se, em (14), o sistema vocálico do Espanhol baseado no triângulo vocálico articulatório do Espanhol, segundo Quilis (1999).

(14)

altas	/u/	/i/
médias	/e/	/o/
baixa	/a/	

Na constituição do sistema fonológico, o espanhol emprega duas das propriedades articulatórias e acústicas que servem para a distinção dos fonemas vocálicos entre si, segundo Llorach (1965):

a) el grado de abertura, que condiciona la mayor parte o menor frecuencia del llamado primer formante de la vocal, y b) la configuración de la cavidade bucal según la posición de la lengua y los labios, reflejada en la mayor o menor frecuencia del segundo formante de la vocal (timbre) (LLORACH, 1965, p. 145-146).

No espanhol, consideram-se variantes os alofones nasalizados dos fonemas vocálicos orais [i], [e], [a], [o], [u], uma vez que um fonema vocálico se realiza como vogal nasalizada somente quando antecede uma consoante nasal, como, por exemplo, no caso das palavras: ‘mano’ e ‘entren’. Nas demais realizações, os segmentos aparecem como vogal oral: [bella], [nota] ou em um ditongo ou tritongo.

Llorach (1965) salienta que a distinção entre o sistema vocálico do português e o sistema vocálico do espanhol reside no fato de a fonologia do espanhol apresentar, para as vogais, de apenas três graus de abertura: 1) o de abertura máxima /a/; 2) o de abertura média /e, o/ e 3) o de abertura mínima /i, u/. Dessa forma, tem-se a formação de um sistema vocálico triangular: as vogais são altas quando a língua ocupa posição mais alta dentro da cavidade bucal: [i] ou [u]; baixa, quando a língua ocupa posição mais baixa dentro da cavidade bucal: [a]; médias, quando a língua ocupa uma posição super inferior intermediária na cavidade bucal: [e], [o] (LLORACH, 1965).

Assim, esses cinco fones vocálicos possuem valor fonológico, pois distinguem o significado entre palavras: /paso/ /peso/ /piso/ /poso/ /puso/. O autor destaca que esse sistema vocálico é empregado em todas as posições na palavra, independentemente da tonicidade da sílaba.

Segundo Hensey (1972), o sistema fonológico vocálico do Espanhol é parecido com o do português, por isso, é necessário abordar o sistema vocálico de ambas as línguas para serem apresentadas as semelhanças e diferenças. É essa a visão que norteia o presente estudo.

CAPÍTULO III

3. METODOLOGIA

O presente capítulo tem como objetivo explicar a metodologia aplicada e desenvolvida nesta pesquisa. Em primeiro lugar, apresentam-se os sujeitos da investigação e os procedimentos de coleta de dados. A seguir, descreve-se o fenômeno aqui estudado, bem como o tratamento dado aos *corpora* constituídos. Após, definem-se as variáveis controladas e a abordagem estatística dos dados.

Previamente ao desenvolvimento da pesquisa, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da UCPEL - Processo nº 01224412.0.0000.5339. Todos os informantes adultos assinaram Termo de Consentimento Informado; em se tratando de informantes que não atingiram a maioridade, esse termo foi assinado por seus pais ou responsáveis. Os dados linguísticos que integraram a pesquisa não permitem, em hipótese alguma, a identificação dos informantes.

3.1. Caracterização dos sujeitos e dos procedimentos da coleta de dados

Os sujeitos cujos dados constituíram os *corpora* da presente pesquisa foram 12 (doze) moradores da cidade de Tranqueras – Uruguai, sendo 6 crianças e 6 adultos, dos sexos masculino e feminino, bilíngues português-espanhol.

Todos os informantes adultos deveriam ter cursado, no mínimo, cinco anos do ensino fundamental uruguaio¹², enquanto as crianças deveriam pertencer ao início desse nível educacional (entre o 1º e o 3º anos). Em razão desse fato, as crianças cujos dados foram analisados neste estudo tinham entre 7 e 8 anos de idade. Os adultos entrevistados para a presente pesquisa tinham entre 25 e 35 anos, uma vez que deveriam mostrar inserção no mercado de trabalho, conforme detalhamento apresentado na Seção 3.3.

Para as gravações das entrevistas, seguindo-se a metodologia de pesquisa sociolinguística, foram respeitadas as seguintes condições:

- o informante não poderia saber que o objetivo do pesquisador, ao gravá-lo, era estudar a língua em uso da comunidade-alvo;

¹²

O ensino fundamental no Uruguai, denominado *Enseñanza Primaria*, tem a duração de 6 (seis) anos.

- somente poderiam ser gravados informantes que tivessem nascido na comunidade pesquisada ou que a ela tivessem chegado até os 5 ou 6 anos de idade, período em que começa a alfabetização, ou pessoas que morassem pelo menos 1/3 de sua vida na comunidade em questão;
- os entrevistados deveriam ser filhos de uruguaios natos.

Pelo fato de haver dois grupos de sujeitos na investigação aqui relatada – crianças e adultos –, são levados em consideração dois *corpora*, ou seja, um *corpus* de cada grupo.

Para a efetivação desta pesquisa, foi realizada a coleta de dados de acordo com a metodologia de entrevista sociolinguística, enfatizando-se as narrativas pessoais de experiência de vida dos informantes. Segundo Labov (1983), as narrativas pessoais permitem a obtenção de dados linguísticos naturais, uma vez que o envolvimento do falante com os fatos o afasta da preocupação com a forma da língua.

Além disso, Tarallo (2005) afirma que o pesquisador sociolinguista, acompanhado do seu gravador, deve coletar dados de situações naturais de comunicação linguística, a fim de reunir um material vasto, condizente com a investigação pretendida.

Para a coleta de dados, tanto das crianças como dos adultos, foram feitas entrevistas individuais. Os dados foram obtidos a partir de gravações de fala espontânea, feitas na própria cidade de Tranqueras – Uruguai, pelo autor desta dissertação. Foi usado, para a gravação das entrevistas, um Gravador Roland – R-05.

As entrevistas espontâneas foram gravadas, na sua maioria, nas residências ou em locais de trabalho dos informantes. Em relação às crianças, todas as entrevistas foram feitas em uma Escola pública de Ensino Fundamental. Além disso, sobre a duração das entrevistas, houve pequena diferença entre os dois grupos de informantes: as entrevistas com as crianças tiveram a duração entre 15 e 20min, enquanto aquelas com os adultos estenderam-se de 20 a 30min.

Atribui-se a diferença do tempo de duração das entrevistas entre as crianças e os adultos à idade e ao grau de atenção dispensado a um diálogo com o entrevistador.

3.2. O fenômeno estudado e o tratamento dos dados

O fenômeno estudado na presente pesquisa é o comportamento das vogais médias postônicas finais, com a observação da ocorrência/não ocorrência do processo de “neutralização das vogais médias átonas finais” no PU, conforme já foi definido na introdução desta dissertação. O interesse do estudo deriva do fato de esse processo estar presente em todas as variantes do português do Brasil, conforme registra a literatura (são exemplos as pesquisas de Vieira, 1994, 2002).

Exemplos do funcionamento do processo de neutralização de vogais átonas finais são retomados a seguir, com a explicitação das formas fonéticas que a vogal postônica final pode assumir – se sua forma fonética for [i] ou [u], registra-se a ocorrência do processo de neutralização; caso a forma fonética seja [e] ou [o], não se configura a ocorrência do processo, conforme se exemplifica a seguir:

a) Emprego variável da neutralização da vogal postônica final /e/:

leit[e] ~ leit[i]¹³

doc[e] ~ doc[i]

b) Emprego variável da neutralização da vogal postônica final /o/:

livr[o] ~ livr[u]

desenh[o] ~ desenh[u]

Após a coleta dos dados, procedeu-se à sua transcrição fonética das vogais átonas finais de todas as palavras dos dois *corpora* constituídos na pesquisa; essa transcrição passou pela revisão de mais dois juízes. Após, todos os dados foram codificados, de acordo com as variáveis controladas na pesquisa, conforme a discriminação apresentada na seção 3.3, sendo que também outros dois juízes revisaram as codificações. Ao final dessa etapa, procedeu-se à análise estatística com o uso do Aplicativo GOLDVARB 2001, que está explicado na seção 3.4 deste capítulo.

¹³ No PU pode ocorrer o fenômeno da palatalização das plosivas dentais /t/ e /d/ diante de [i], conforme ocorre em variedades do português falado no Brasil.

3.3. Definição das variáveis

As variáveis controladas na presente pesquisa são de caráter linguístico e extralinguístico, e tiveram sua escolha determinada a partir de estudos anteriormente realizados sobre o comportamento de vogais médias átonas finais no PB, como o de Vieira (2002).

Foi considerada como **variável dependente** a ocorrência/não ocorrência do processo de “neutralização das vogais médias átonas finais” nos *corpora* da pesquisa, o que implicou a presença de:

- a) vogal [i] (ocorrência do processo) ou vogal [e] (não ocorrência do processo);
- b) vogal [u] (ocorrência do processo) ou vogal [o] (não ocorrência do processo);

As **variáveis independentes** foram divididas em linguísticas e extralinguísticas, tendo sido determinadas especialmente levando em consideração os resultados estatisticamente relevantes na pesquisa de Vieira (2002), que teve como um dos focos as vogais médias átonas finais na produção linguística de adultos falantes nativos de PB, residentes no Rio Grande do Sul.

Controlaram-se sete variáveis independentes, sendo cinco de caráter linguístico e duas de caráter social, com inspiração em Vieira (2002).

São as seguintes as variáveis linguísticas controladas na presente pesquisa:

1- Contexto precedente à vogal átona final:

- consoante labial (terrível/mesmo)
- consoante coronal (microfone/respeito)
- consoante dorsal (consegue/domingo)
- sem consoante precedente (recreio)

2- Tipo de sílaba em que se encontra a vogal átona final:

- sílaba com coda soante (túnel)
- sílaba com coda /S/ (antes)
- sílaba sem coda (gente)
- sílaba com ditongo (uruguaio)

3- Contexto vocálico da palavra em que se encontra a vogal átona final:

- presença de vogal alta na palavra (menino/seguinte)
- palavra sem vogal alta (sobrado/enchente)

4- Localização, na palavra, da sílaba postônica analisada:

- ligada diretamente à raiz (carne/campo)
- ligada a um sufixo (estivesse/fôssemos)

5- Classe morfológica da palavra em que se encontra a vogal átona final:

- substantivo
- adjetivo
- verbo
- advérbio
- clítico
- pronome dissilábico
- numeral
- conjunção

As variáveis sociais controladas na presente pesquisa são estas:

6- Idade do/a informante

- FE 1 – criança (7 – 8 anos)
- FE 2 – adulto (25 – 35 anos)

7- Sexo do/a informante:

- feminino
- masculino

Justifica-se, a seguir, a escolha das variáveis de natureza linguística, reportando-se alguns dos argumentos de Vieira (2002):

a) Contexto precedente à vogal átona final:

De acordo com a hipótese proposta por Vieira (2002), o contexto precedente pode exercer influência sobre o comportamento das vogais postônicas finais, particularmente pelas seguintes motivações, que se configuram como hipóteses:

- consoantes dorsais, devido a sua articulação alta, podem ser favoráveis à elevação de /e/ e /o/;
- consoantes labiais podem favorecer a elevação de /o/ em razão da labialidade compartilhada;
- consoantes coronais podem favorecer a elevação de /e/ em razão da coronalidade compartilhada.

Então, para verificar-se se tais hipóteses podem ser confirmadas, nesta pesquisa, analisaram-se palavras com consoantes labiais, dorsais e coronais precedentes à vogal média átona final.

b) Tipo de Sílabas em que se encontra a vogal átona final:

Vieira (2002) afirma que seja provável que o tipo de sílaba em que se encontra a vogal postônica final determine a vogal da superfície, pois o tipo de segmento que fecha a sílaba pode vir a determinar a manutenção ou a elevação da vogal média átona final. Ao considerar essa perspectiva, Vieira (2002) cita López (1979) no que se refere ao estudo das vogais. López (1979) argumenta que, além do acento, há outros condicionamentos que podem influenciar a qualidade da vogal que se manifestará na posição átona final, como, por exemplo, a presença da fricativa /s/ logo após uma vogal média, como na palavra ant[i]s. Bisol (1985), em estudo realizado com falantes gaúchos, confirma essa tendência ao alçamento da vogal coronal /e/ átona final em contexto precedente à fricativa /s/ em coda silábica.

c) Contexto vocálico da palavra em que se encontra a vogal átona final:

De acordo com Vieira (2002), a presença da vogal alta em uma palavra faz com que a elevação da vogal média postônica seja favorecida.

d) Localização, na palavra, da sílaba postônica analisada:

A proposição dessa variável decorre da hipótese de que possa haver tratamento diferenciado à vogal média átona final em razão da morfologia da palavra, ou seja, em razão de a vogal estar ligada à raiz e pertencer ao tema da palavra ou estar vinculada a

um sufixo a ela aposto. Assim, pressupõe-se que a vogal postônica poderá ser preservada quando ela estiver ligada à raiz da palavra, porém tenderá a elevar-se estando fora do tema (VIEIRA, 2002).

e) Classe morfológica da palavra em que se encontra a vogal átona final:

Esta variável foi inserida no presente estudo a partir de observação de dados parciais desta pesquisa que apontaram para a possível relevância da classe morfológica da palavra na preservação e/ou na neutralização das vogais médias postônicas finais.

Quanto às variáveis de natureza social, nesta pesquisa controlaram-se *faixa etária* e *sexo*, de acordo com as seguintes características:

a) A variável faixa etária, que foi controlada por mostrar-se relevante em pesquisas de natureza sociolinguística, foi dividida em dois grupos:

1º) 7 – 8 anos¹⁴: essa faixa etária é composta por crianças que se encontram no Ensino Fundamental na fase inicial de alfabetização de acordo com o modelo de ensino primário empregado pelo Uruguai;

2º) 25 – 35 anos: essa faixa etária é formada por indivíduos adultos, que, de modo geral, estão inseridos no mercado de trabalho, e supostamente deveriam empregar as formas linguísticas prestigiadas na sociedade.

A justificativa para a escolha das duas faixas etárias acima discriminadas está na possibilidade de, em se observando variação linguística, verificar-se a tendência ou não a que haja mudança linguística em curso – a distância entre as duas faixas etárias, sendo uma composta de crianças que estão em fase de alfabetização e outra formada por adultos em idade de inserção no mercado de trabalho, é que permitirá a observação da ocorrência ou não da mudança em curso.

b) A variável sexo foi aqui considerada, uma vez que, de acordo com a literatura sociolinguística, como em Amaral (2003), os diferentes papéis de homens e mulheres na sociedade podem evidenciar-se como fator importante nos processos de variação e mudança.

¹⁴ Todas as entrevistas com as crianças foram realizadas em uma Escola de educação primária de Tranqueras que equivale a uma escola de ensino fundamental brasileira.

Ainda sobre a variável sexo, sua escolha foi decorrente do fato de as pesquisas sociolinguísticas no Uruguai a terem revelado como significativa, em se considerando a preservação dos papéis sociais que homens e mulheres têm cumprido nas comunidades uruguaias (CARVALHO, 2007; 2010).

Embora o grau de escolaridade seja uma das variáveis mais trabalhadas nos estudos variacionistas, demonstrando relevância na maioria das pesquisas, no presente estudo foi homogeneizada, uma vez que todos os informantes deveriam ter o 1º grau incompleto.

3.4. O Aplicativo GOLDVARB 2001

Os dados, depois de transcritos e codificados, foram submetidos ao aplicativo GOLDVARB 2001, desenvolvido para análise de dados multivariados no Windows. Os dados para análise quantitativa são tratados como instâncias individuais de uma variável linguística de acordo com a Teoria da Variação Laboviana (AMARAL; BORGES, 2009).

De acordo com o Manual desse aplicativo, desenvolvido por Amaral e Borges (2009), essas instâncias individuais são identificadas como *tokens* e são armazenadas em um arquivo de dados denominado de *token file*.

Para que o aplicativo GOLDVARB 2001 possa funcionar analisando os dados, é necessário especificar a seleção dos grupos de fatores. Isso permite ao linguista codificar os dados para variáveis como “tipo de verbo, tipo de sujeito, vogal, presença ou ausência de um traço particular, informante” ou qualquer fator que possa apresentar influência sobre o fenômeno em estudo. Esses grupos de fatores são entendidos pelo programa como um conjunto de códigos, porém com uma condição: que seja utilizado, no programa, um único caractere para cada fator no arquivo de dados *token*.

O aplicativo GOLDVARB 2001 tem-se mostrado poderoso suporte para a análise de dados linguísticos variáveis, oferecendo confiável substrato para a interpretação, pelo linguista, de fenômenos que, envolvendo diferentes componentes dos sistemas linguísticos – como fonológico, morfológico, sintático – emergem do uso da língua por diversas comunidades.

A seguir, no próximo capítulo, são apresentados os resultados dos dados relativos ao emprego das vogais médias átonas finais /e/ e /o/ em Tranqueras – Uruguai,

com a aplicação variável do processo de neutralização – do qual resultam as formas fonéticas [i] e [u], respectivamente –, com a descrição e a discussão desses resultados.

Apresentam-se, em primeiro lugar, os resultados gerais do comportamento dos segmentos vocálicos em análise, tanto nos dados do grupo das crianças, como no dos adultos. Também são apresentados os resultados do comportamento das vogais /e/ e /o/ átonas finais de forma a poderem ser visualizados os dados de crianças e de adultos separadamente.

CAPÍTULO IV

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com as variáveis propostas neste trabalho, cuja base está em Vieira (2002), apresenta-se, em primeiro lugar, uma descrição do *corpus* referente ao total de dados coletados nas entrevistas realizadas na cidade de Tranqueiras, com todos os informantes: crianças e adultos. Foi analisado o universo de 1606 dados entre crianças e adultos, referentes à ocorrência de vogais em posição postônica final. Desse total de dados gerais, obtiveram-se 858 referentes às crianças e 748 dados sobre os adultos.

4.1. Resultado geral do emprego da regra de neutralização às vogais /e/ e /o/ postônicas finais em crianças e adultos

Verificou-se o comportamento das vogais médias /e/ e /o/ em posição átona final, considerando sua manifestação fonética, respectivamente, como [e] e [o], e como [i] e [u], sendo estas formas com elevação das médias resultantes do processo de neutralização.

Como resultado da submissão dos dados deste estudo ao aplicativo GOLDVARB 2001, na rodada geral que engloba a produção linguística de adultos e crianças, foram computados na análise 1416 dados, uma vez eliminados os *knockouts*. De acordo com as sete variáveis propostas, entre elas as linguísticas e as extralinguísticas, obteve-se a seleção de três variáveis linguísticas: o *contexto precedente*, o *contexto vocálico* e a *classe morfológica*. Em relação às variáveis extralinguísticas, o programa selecionou, para o *corpus* integral do estudo, as duas variáveis: *idade* e *sexo*. Os resultados apresentados a seguir foram obtidos, na sua maioria, a partir da segunda rodada e também passaram por amalgamação e eliminação de variáveis, conforme explicação no decorrer da discussão das tabelas.

TAB. 1 – Contexto precedente – dados gerais:

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Consoante labial	58/184	31,5	0,42
Consoante coronal	371/976	38,0	0,54
Consoante dorsal	64/256	25,0	0,39
TOTAL	493/1416	34,8	

Input: 0,339

significância: 0,015

Conforme os resultados gerais, sobre o *contexto precedente*, observados na Tabela 1, embora o peso relativo .54 esteja bastante próximo do ponto neutro, pode-se dizer que, em contextos nos quais as vogais átonas finais /e/ e /o/ são antecedidas por consoante coronal, a tendência é de que as crianças e os adultos tendam a aplicar o processo de neutralização, manifestando, preferencialmente, as formas fonéticas com elevação das médias em posição átona final.

Na Tabela 2, apresentam-se os resultados sobre o *contexto vocálico*, referente à presença ou não de vogal alta na palavra.

TAB. 2 – Contexto vocálico – dados gerais:

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Presença de vogal alta na palavra	144/331	43,5	0,57
Palavra sem vogal alta	349/1085	32,2	0,47
TOTAL	493/1416	34,8	

Input: 0,339

significância: 0,015

Os resultados da Tabela 2 acima mostram que a presença de uma vogal alta em sílaba precedente à sílaba final se apresenta como um fator favorecedor para a aplicação do processo de neutralização, indicando um peso relativo de .57.

A seguir, na Tabela 3, apresentam-se os resultados das crianças e adultos referentes à *classe morfológica*.

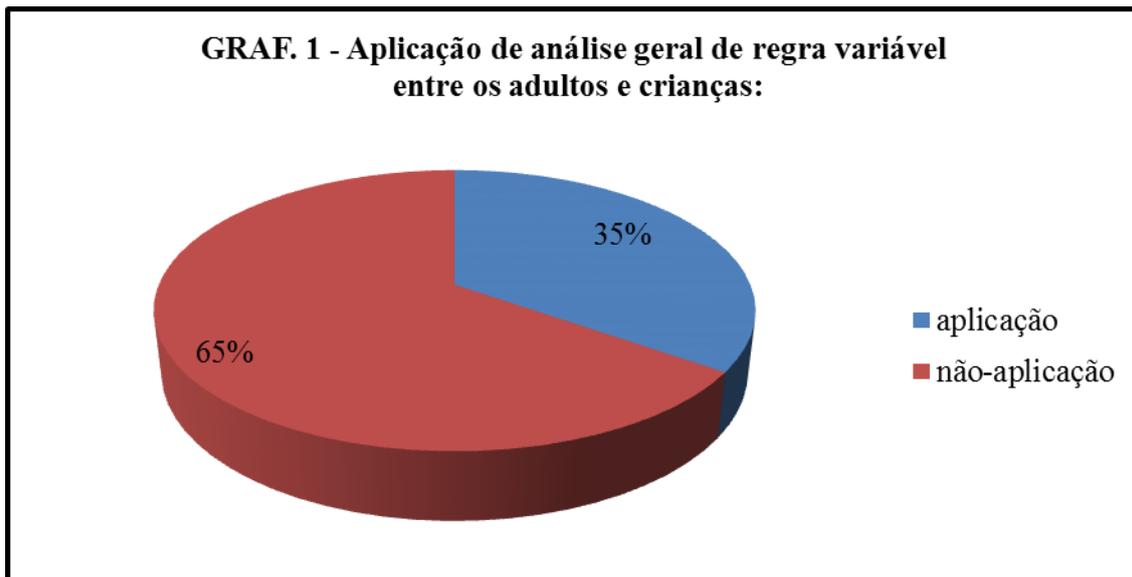
TAB. 3 – Classe morfológica – dados gerais:

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Substantivo	121/313	22,1	0,51
Advérbio	62/128	9,0	0,61
Clítico	128/465	32,8	0,44
Verbo	125/341	24,1	0,53
Pronome	57/169	11,9	0,46
TOTAL	493/1416	34,8	

Input: 0,339

significância: 0,015

Conforme verifica-se nos resultados acima, em relação à variante linguística classe morfológica, esta revela os seguintes resultados que a classe gramatical *advérbio* apresenta um maior peso relativo .61 seguido pelas classes: *verbo*; *substantivo*; *pronome* respectivamente.



O gráfico 1 aponta que, na comunidade de Tranqueras, há a maior tendência à preservação das formas fonéticas [e] e [o] para a manifestação das vogais médias /e/ e /o/ em posição átona final (65% de não aplicação da regra variável), em se comparando com o uso das formas fonéticas [i] e [u] para tais vogais, como resultado da aplicação do processo de neutralização (35% de aplicação da regra variável). Nesse resultado, tem-se uma evidência da grande influência do espanhol – língua em que não é aplicado o processo de neutralização às vogais médias átonas finais – sobre o PU falado na cidade de Tranqueras.

Mostra-se, na seção subsequente, o resultado geral de aplicação da regra variável nas produções linguísticas das crianças.

4.2. Resultado geral do emprego da regra de neutralização às vogais /e/ e /o/ postônicas finais em crianças

Para a verificação do comportamento das duas vogais médias em posição postônica final, foi rodado o aplicativo GOLDVARB 2001 exclusivamente com os dados linguísticos das crianças que fazem parte do presente estudo. De acordo com as sete variáveis propostas, entre elas as linguísticas e extralinguísticas, o aplicativo GOLDVARB 2001 selecionou, para os dados exclusivos das crianças, três variáveis linguísticas: o *contexto precedente*; o *contexto vocálico* e a *classe morfológica*, sendo que também selecionou uma variável extralinguística: a variável *sexo*. Os resultados apresentados a seguir foram obtidos, portanto, em análise apenas do *corpus* obtidos nas

Na literatura, algumas pesquisas revelam resultados semelhantes aos apresentados aqui, como os obtidos por Vieira (1994, 2002, 2010) e Silva (2009).

Sobre os dados das crianças, mostram-se na tabela 8 os resultados quanto à classe morfológica.

TAB. 8 – Classe morfológica – dados das crianças:

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Substantivo	75/162	46,3	0,52
Adjetivo	6/21	28,6	0,34
Advérbio	38/67	56,7	0,64
Clítico	75/264	28,4	0,42
Pronome	28/81	34,6	0,43
Numeral	23/46	50,0	0,58
Verbo	89/206	43,2	0,54
TOTAL	334/847	39,4	

Input: 0,386

significância: 0,018

Em relação à variante linguística classe morfológica, os resultados mostram que a classe gramatical *advérbio* apresenta o maior peso relativo .64, seguido pelas classes: *numeral*, *verbo* e *substantivo*, respectivamente.

Os resultados apresentados aqui sobre as crianças, também corroboram os de Mileski (2012) e Silva (2009), de acordo com a classe dos *advérbios* como uma das classes com o maior percentual de aplicação da regra.

A seguir, na Tabela 9, são apresentados os resultados relacionados à variável extralinguística *sexo* entre os dados das crianças.

TAB. 9 – Sexo – dados das crianças:

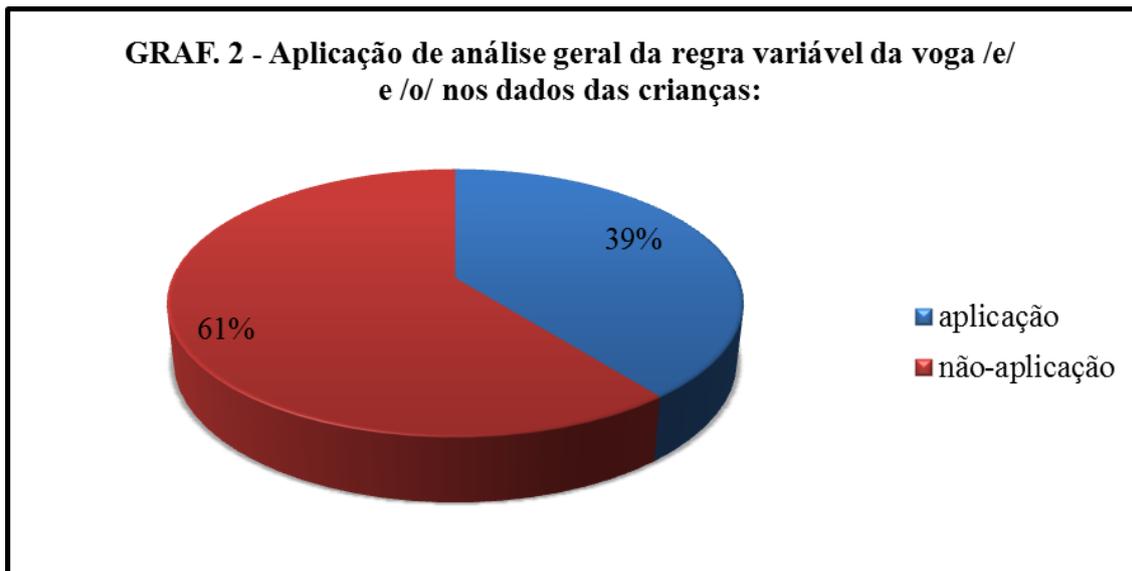
Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Feminino	218/473	46,1	0,57
Masculino	116/374	31,0	0,40
TOTAL	334/847	39,4	

Input: 0,386

Significância: 0,01

Os resultados na Tabela 9, sobre a variável extralinguística *sexo*, apontam um peso relativo de .57 para a ocorrência da regra variável entre as meninas.

O Gráfico 2 é representativo dos dados gerais das crianças sobre a aplicação da regra variável de neutralização, cujo resultado é a elevação das vogais médias átonas finais na comunidade de Tranqueras.



O gráfico 2 aponta que, em Tranqueras, há a maior tendência à não aplicação da regra variável, entre os dados gerais das crianças, dentro de uma porcentagem de 61% de preservação das formas fonéticas [e] e [o] para a manifestação das vogais médias /e/ e /o/ em posição átona final, em se comparando com o uso das formas fonéticas [i] e [u] como resultado da aplicação do processo de neutralização.

A seguir, nas seções subsequentes, mostra-se o resultado de aplicação da regra variável nas crianças para cada uma das vogais médias na posição postônica final.

4.3. Resultados para a vogal /e/ postônica final nos dados de crianças

A fim de se observar especificamente o comportamento da vogal média /e/ em posição átona final nos dados das crianças do presente estudo, examinaram-se as variáveis linguísticas e extralinguísticas que foram selecionadas pelo aplicativo GOLDVARB 2001 – três variáveis linguísticas: o *contexto precedente*; o *contexto vocálico* e a *classe morfológica*, e uma extralinguística: o *sexo*. A frequência geral de aplicação da regra em pauta foi de 35,10%. Pode-se verificar que, para a análise especificamente da vogal /e/, foram escolhidas as mesmas variáveis que haviam sido selecionadas para as duas vogais médias em conjunto. Eliminados os *knockouts*, foi considerado o total de 359 dados na análise relativa à vogal /e/.

Observam-se os resultados de acordo ao *contexto seguinte* na tabela 10.

TAB. 12 – Classe morfológica – vogal /e/ – dados das crianças

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Substantivo	20/34	58,8	0,61
Verbo e advérbio	23/36	63,9	0,71
Clítico	45/232	19,4	0,37
Pronome	19/33	57,6	0,68
Numeral	19/24	79,2	0,87
TOTAL	126/359	35,1	

Input: 0,308 Significância: 0,008

Em relação à variante linguística classe morfológica, os resultados mostram que a classe gramatical *numeral* apresenta o maior peso relativo .87 de aplicação da elevação da vogal /e/ átona final, seguido pelas classes: *verbo e advérbio*; *pronome*; *substantivo*. Com relação à vogal /e/, o único fator que não mostra favorecimento à aplicação do processo é o *clítico*. Esse resultado merece destaque, uma vez que pode ser interpretado como uma tendência a que os *clíticos* se mostrem como a classe preservadora da forma fonética [e] em final átono nos dados das crianças, os quais evidenciam maior índice de aplicação do processo de neutralização das vogais átonas finais em se comparando com os dados dos adultos (vejam-se gráficos 1 e 2).

Esses resultados foram detectados a partir da 3ª rodada binomial do *up e down*, pois, nessa variável, houve enviesamento dos dados; foi preciso retirar a variável *sexo*, porque o grupo de fatores *classe morfológica* obteve frequências e pesos relativos não proporcionais. Ainda foi preciso eliminar a classe gramatical *adjetivo* porque houve *knockout* nos seus dados.

Os resultados apresentados aqui corroboram os de Mileski (2012) e Silva (2009), de acordo com a classe dos *numerais* e também em relação aos *advérbios*, conforme já havia sido mencionado. Aqui, observa-se que a classe dos *advérbios* foi amalgamada com o fator classe dos *verbos* devido a sua baixa porcentagem. No estudo de Silva (2009), a elevação da vogal /e/ foi favorecida na classe dos *verbos*.

Por fim, apresentam-se os resultados da variável extralinguística referente ao *sexo*, conforme a Tabela 13.

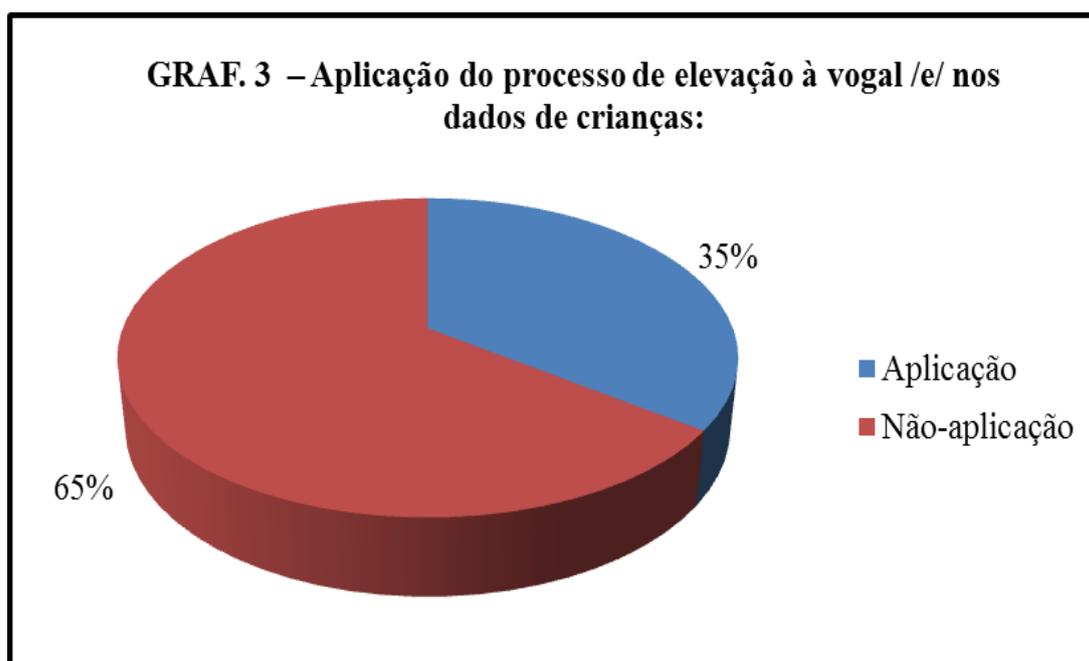
TAB. 13 – Sexo – vogal /e/ – dados das crianças

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Feminino	90/193	46,6	0,72
Masculino	36/166	21,7	0,24
TOTAL	126/359	35,1	

Input: 0,273 Significância: 0,000

Os resultados na Tabela 13, sobre a variável extralinguística *sexo*, apontam um peso relativo de .72 para o sexo feminino, evidenciando o favorecimento ao emprego da vogal [i] na posição átona final pelas meninas.

Tem-se, a seguir, o Gráfico 3, referente à aplicação da regra de neutralização à vogal /e/ em posição átona final nos dados linguísticos das crianças do presente estudo.



O Gráfico 3 mostra que, em se tratando do emprego da vogal /e/ postônica final, nos dados das crianças há predominantemente a preservação da vogal média, conseqüentemente com o uso da forma fonética [e] (65% de não aplicação da regra variável de elevação das vogais médias postônicas finais) – essa é uma evidência do condicionamento do espanhol sobre o português utilizado pelas crianças tranquerenses.

Em seguida, são apresentados os resultados e discussões sobre a neutralização da vogal /o/ postônica final nas crianças da cidade Tranqueras.

4.4. Resultados para a vogal /o/ postônica final nos dados de crianças

Com relação ao emprego da vogal /o/ postônica final, nos dados das crianças, o aplicativo GOLDVARB 2001 selecionou quatro variáveis linguísticas: o *contexto precedente*; o *contexto vocálico*; a *localização da postônica na palavra* e a *classe morfológica*, sendo que não foi, nesse caso, selecionado qualquer grupo de fatores de natureza extralinguística. Eliminados os *knockouts*, foi considerado o total de 492 dados na análise relativa à vogal /o/.

A seguir, observam-se os resultados de acordo ao *contexto seguinte* na tabela 14.

TAB. 14 – Contexto precedente – vogal /o/ – dados das crianças

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Consoante labial	32/79	40,5	0,46
Consoante coronal	145/348	41,7	0,47
Consoante dorsal	36/65	55,4	0,67
TOTAL	213/492	43,3	

Input: 0,449 Significância: 0,017

Os resultados observados na Tabela 14, sobre o *contexto precedente*, permitem afirmar que a elevação da vogal /o/ postônica final, em decorrência da aplicação do processo de neutralização, sendo realizada foneticamente como [u], é favorecida pelo contexto precedente *dorsal*, com um peso relativo de .67.

Na Tabela 15, sobre a presença de vogal alta na palavra, apresentam-se os resultados.

TAB. 15 – Contexto vocálico – vogal /o/ – dados das crianças

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Presença de vogal alta na palavra	79/162	48,8	0,60
Palavra sem vogal alta	134/330	40,6	0,44
TOTAL	213/492	43,3	

Input: 0,449 Significância: 0,017

Os resultados apresentados na tabela acima identificam que a presença de uma vogal alta na palavra favorece a elevação da vogal /o/ em posição postônica final, com o peso relativo de .60.

Diferentemente dos resultados obtidos em todas as outras análises realizadas neste estudo, especificamente com relação às variáveis linguísticas favorecedoras da aplicação do processo de neutralização à vogal /o/ átona final foi selecionada como significativa a variável *localização da postônica na palavra*, conforme mostram os dados apresentados na Tabela 16.

TAB. 16 – Localização da postônica na palavra – vogal /o/ – dados das crianças

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Ligada diretamente à raiz	14/19	73,7	0,77
Ligada ao sufixo	199/473	42,1	0,48
TOTAL	213/492	43,3	

Input: 0,449

Significância: 0,017

Os resultados na Tabela 16, sobre a localização da postônica na palavra, denotam que a aplicação da regra variável de neutralização é favorecida, com o peso relativo .77, quando a vogal /o/ se encontra diretamente ligada à raiz da palavra. No entanto, tal resultado tem de ser tomado com cautela, em virtude do número reduzido de dados.

A tabela 17 apresenta os dados referentes ao condicionamento da classe morfológica no emprego da regra de neutralização à vogal /o/, nos dados das crianças.

TAB. 17 – Classe morfológica – vogal /o/ – dados das crianças

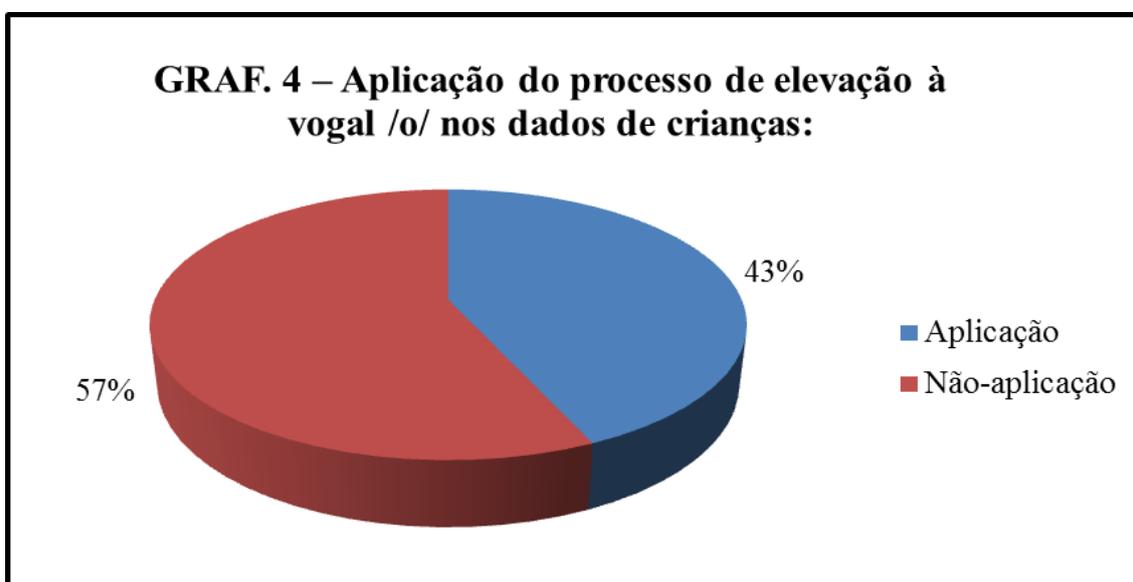
Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Substantivo	55/129	42,6	0,41
Adjetivo	6/19	31,6	0,34
Verbo	84/197	42,6	0,52
Clítico	30/31	96,8	0,98
Pronome	12/51	23,5	0,28
Numeral	4/22	18,2	0,19
Advérbio	22/43	51,2	0,50
TOTAL	213/492	43,3	

Input: 0,449

Significância: 0,017

Em relação à variável linguística *classe morfológica*, os resultados mostram que a classe gramatical *clítico* apresenta o um maior peso relativo .98, no favorecimento à elevação de /o/ átono final, no *corpus* das crianças que integram o presente estudo, diferentemente do que ocorreu na análise dos dados relativos à vogal /e/ no *corpus* das próprias crianças (vejam-se dados da Tabela 12).

No Gráfico 4, está representado o resultado geral de aplicação do processo de neutralização à vogal /o/ nos dados de crianças cujos dados linguísticos fazem parte da presente pesquisa.



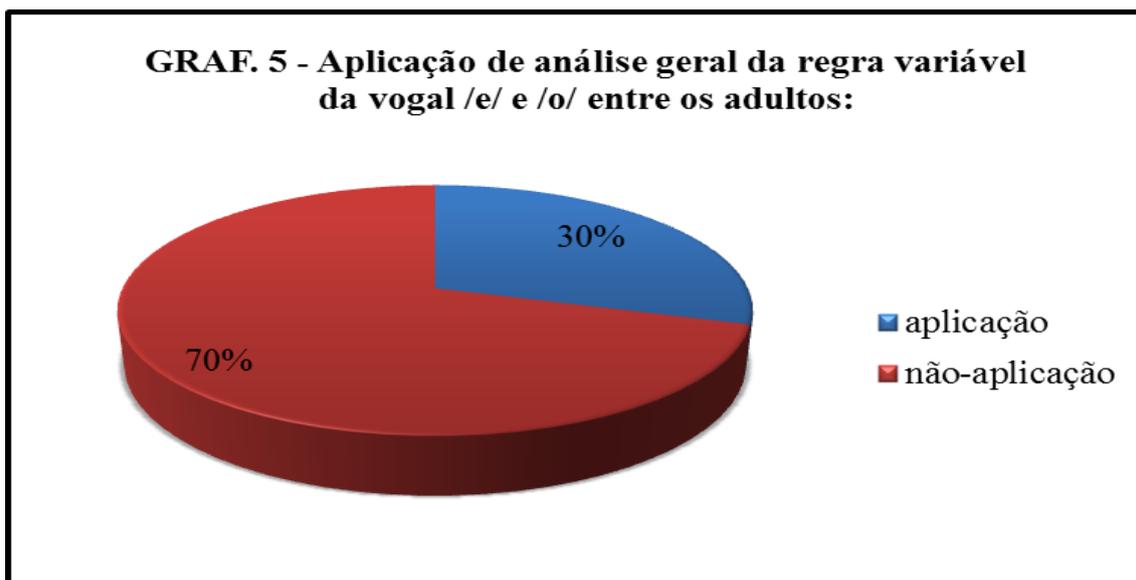
O Gráfico 4 evidencia que, nos dados das crianças tranquerenses, prevalece a preservação da vogal média /o/ na posição átona final representado pela porcentagem de 57% de não aplicação da regra variável de neutralização das vogais postônicas finais, com o uso da forma fonética [o].

4.5. Resultado geral do emprego da regra de neutralização às vogais /e/ e /o/ postônicas finais em adultos

Para a verificação do comportamento das duas vogais médias em posição postônica final, foi rodado o aplicativo GOLDVARB 2001 exclusivamente com os dados linguísticos dos adultos que fazem parte do presente trabalho. O aplicativo GOLDVARB 2001 selecionou, para os dados exclusivos dos adultos – no total de 636

crianças (Tabela 9), em que houve um leve favorecimento à aplicação da regra variável nos dados das meninas.

No Gráfico 5, está representado o resultado geral de aplicação do processo de elevação/neutralização tanto da vogal /e/ como da vogal /o/ nos dados de adultos cuja produção linguística faz parte da presente pesquisa.



O Gráfico 5 evidencia que, nos dados dos adultos de Tranqueras, prevalece a preservação da vogal média /e/ e /o/ na posição átona final, com o uso da forma fonética [e] e [o] totalizando 70% de não aplicação da regra aqui estudada, mostrando, assim, a influência do espanhol na língua falada na comunidade tranquerense.

4.6. Resultado geral para a vogal /e/ postônica final em adultos

Com a finalidade de se observar especificamente o comportamento da vogal média /e/ em posição átona final nos dados dos adultos do presente estudo, o que somou o total de 254 dados, eliminando-se os *knockouts*. Examinaram-se as variáveis linguísticas e extralinguísticas que foram selecionadas pelo aplicativo GOLDVARB 2001 – três variáveis linguísticas: o *contexto precedente*; o *contexto vocálico* e a *classe morfológica*, e uma extralinguística: o *sexo*. Essas foram exatamente as mesmas variáveis selecionadas quando foi feita a análise do comportamento da vogal /e/ postônica final exclusivamente no *corpus* das crianças.

Na Tabela 22, mostram-se os resultados quanto ao grupo de fatores *classe morfológica*, em se tratando da aplicação, à vogal /e/ átona final na fala de adultos, da regra variável aqui estudada.

TAB. 22 – Classe morfológica – vogal /e/ – dados dos adultos:

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Clítico	34/164	20,7	0,46
Advérbio	12/34	35,2	0,04
Substantivo	15/29	51,7	0,64
Pronome	17/27	62,9	0,81
TOTAL	78/254	30,7	

Input: 0,261 Significância: 0,043

Em relação à classe morfológica, os resultados da Tabela 22 mostram que a classe dos *pronomes*, bem como a dos *substantivos* são favorecedoras da aplicação da regra variável, com os pesos relativos de .81 e .64, respectivamente. Entretanto, é importante esclarecer que esses resultados não são confiáveis, pois o número de dados das classes gramaticais *pronomes* e *substantivos* serem reduzidos.

Na Tabela 23, trazem-se os resultados com relação à variável extralinguística *sexo*, selecionada neste estudo.

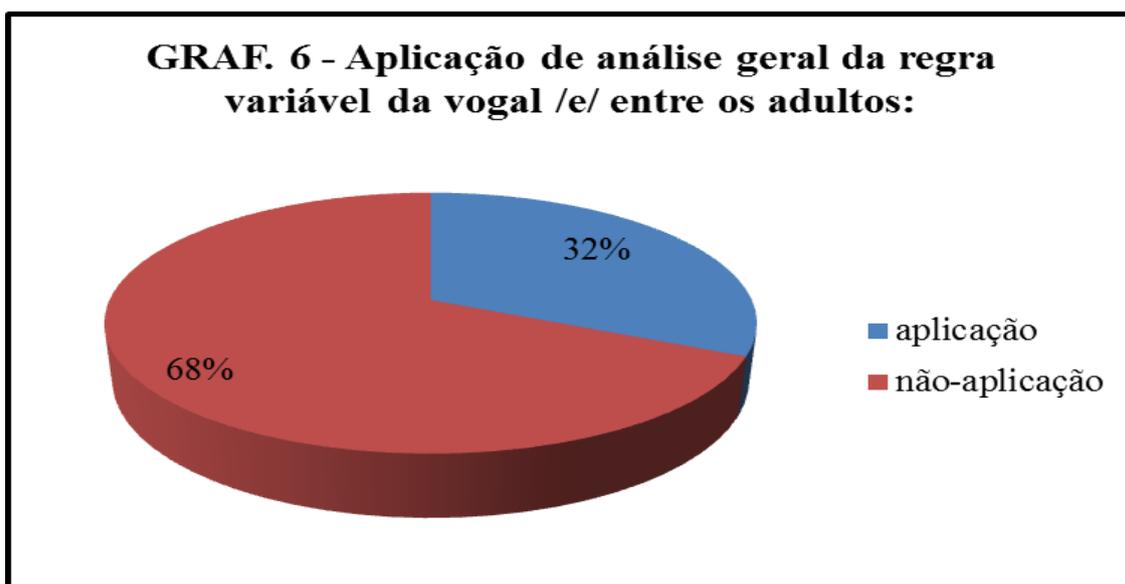
TAB. 23 – Sexo – vogal /e/ – dados dos adultos:

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Feminino	65/156	61,4	0,68
Masculino	13/98	13,5	0,22
TOTAL	78/254	30,7	

Input: 0,261 Significância: 0,043

Os resultados da Tabela 23 mostram que o sexo feminino entre os adultos é o favorecedor à aplicação da regra variável à vogal coronal /e/, indicado por um peso relativo de .68, diferentemente dos resultados apresentados por Mileski (2012), os quais apresentam o sexo masculino como favorecedor da elevação da vogal /e/.

No Gráfico 6, está representado o resultado geral de aplicação do processo de neutralização da vogal /e/ nos adultos cujos dados linguísticos fazem parte da presente pesquisa.



O Gráfico 6 evidencia que, nos dados dos adultos de Tranqueras, prevalece a preservação da vogal média /e/ na posição átona final apresentando um resultado de 68%, com o uso da forma fonética [e].

4.7. Resultado geral para a vogal /o/ postônica final em adultos

Quanto ao emprego da vogal /o/ postônica final, nos dados dos adultos, o aplicativo GOLDVARB 2001 selecionou apenas duas variáveis linguísticas: o *contexto precedente* e a *classe morfológica*, sendo que, assim como havia ocorrido com os dados das crianças, nesse caso, não foi selecionado qualquer grupo de fatores de natureza extralinguística. Logo da eliminação dos *knockouts*, foi considerado o total de 380 dados na análise relativa à vogal /o/.

A Tabela 24 registra os resultados com relação ao que ocorre com a vogal /o/ em posição postônica final na fala de adultos cujos dados linguísticos são estudados no presente trabalho.

TAB. 24 – Contexto precedente – vogal /o/ – dados dos adultos:

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Consoante labial	6/57	10,5	0,23
Consoante coronal	80/280	28,5	0,54
Consoante dorsal	12/43	27,9	0,57
TOTAL	98/380	25,7	

Input: 0,241 Significância: 0,00

Os resultados apresentados aqui identificam a consoante *dorsal* como mais favorecedora da aplicação da regra variável à vogal /o/, com um peso relativo de .57, mostrando consistência com os resultados obtidos com os dados exclusivamente de crianças, conforme aparecem na Tabela 14.

No estudo de Vieira (2002), as consoantes coronais mostraram-se favorecedoras da aplicação da regra, particularmente em se tratando do contexto precedente com fricativas [s] e [z], com um peso relativo de .70. Em estudo mais recente, Vieira (2010) apresenta resultados diferentes: o estudo mostra que as consoantes coronais não são favorecedoras da elevação da vogal /o/, alcançando um peso relativo de .49, estando, assim, próximo ao ponto neutro. Esse último achado de Vieira (2010) pode ser considerado próximo aos resultados encontrados na presente pesquisa.

Na Tabela 25, mostram-se os resultados referentes ao condicionamento exercido pela classe morfológica no comportamento da vogal /o/ postônica final.

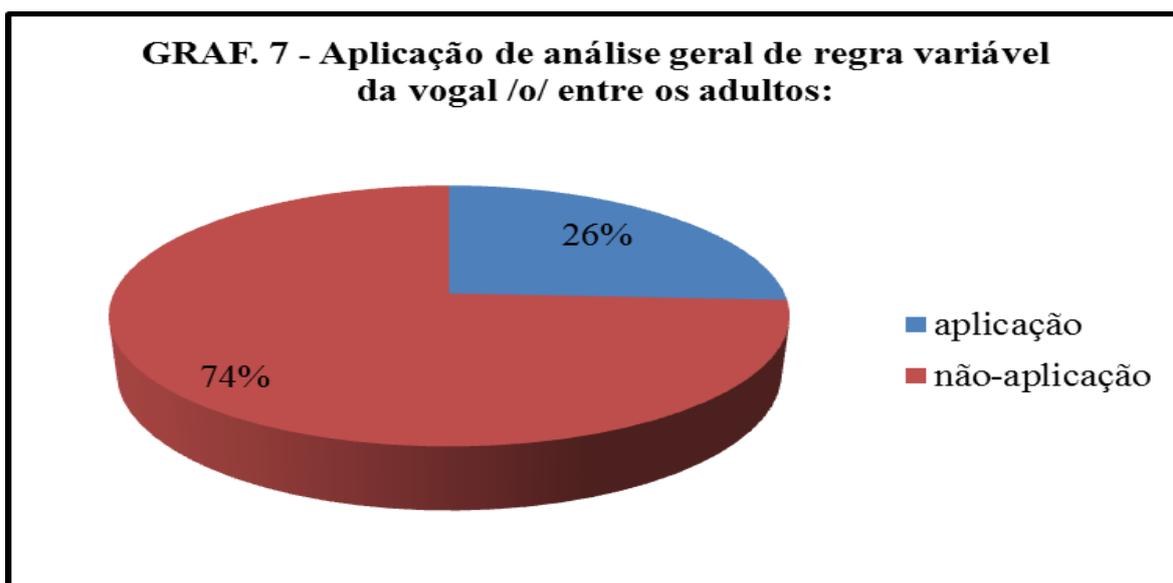
TAB. 25 – Classe morfológica – vogal /o/ – dados dos adultos:

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Clítico	19/37	51,3	0,75
Substantivo	31/122	25,4	0,48
Adjetivo	5/34	14,7	0,30
Pronome	12/61	19,6	0,38
Verbo	31/126	24,6	0,54
TOTAL	98/380	29,6	

Input: 0,241 Significância: 0,06

Na Tabela 25, os resultados obtidos identificam como favorecedor da regra variável, na fala de adultos, o fator *clítico* e, com peso abaixo, o fator *verbo*, com pesos relativos de valor .75 e .54, respectivamente.

No Gráfico 7, está representado o resultado geral de aplicação do processo de neutralização da vogal /o/ na produção linguística dos adultos que fazem parte da presente pesquisa.



Observa-se que o Gráfico 7 evidencia que, nos dados dos adultos de Tranqueras, prevalece a preservação da vogal média /o/ na posição átona final, com o uso da forma fonética [o] evidenciando a não-aplicação da regra em 74%.

Considerando-se que a realização das médias postônicas finais, no PB, se faz quase categoricamente com as formas [i] e [u], resultantes da aplicação do processo de neutralização das vogais médias da língua, pode concluir-se que o português falado em Tranqueras, o chamado PU, mostra sofrer condicionamento do espanhol.

É importante ressaltar que, no presente estudo, o emprego do processo de neutralização das vogais médias postônicas finais, no PU falado em Tranqueras, mostrou condicionamento especialmente de três variáveis linguísticas – o *contexto precedente*; o *contexto vocálico* e a *classe morfológica* – e de uma extralinguística: o *sexo*. Também é relevante o fato de que a variável *contexto precedente* foi selecionada como estatisticamente significativa em todas as análises feitas, as quais visavam

fundamentalmente verificar o comportamento das vogais médias /e/ e /o/ em posição postônica final, com referência à aplicação variável do processo de neutralização.

As análises tiveram os seguintes focos:

- (a) o comportamento das vogais médias /e/ e /o/ em posição postônica final nos dados de crianças e adultos;
- (b) o comportamento das vogais médias /e/ e /o/ em posição postônica final nos dados de crianças;
- (c) o comportamento da vogal média /e/ em posição postônica final nos dados de crianças;
- (d) o comportamento da vogal média /o/ em posição postônica final nos dados de crianças;
- (e) o comportamento das vogais médias /e/ e /o/ em posição postônica final nos dados de adultos;
- (f) o comportamento da vogal média /e/ em posição postônica final nos dados de adultos;
- (g) o comportamento da vogal média /o/ em posição postônica final nos dados de adultos.

Em todas as análises, no resultado referente ao *contexto precedente* foi selecionada como favorecedora da aplicação do processo de neutralização a consoante precedente coronal, com exceção das análises específicas sobre a vogal /o/, quando foi selecionada a consoante precedente dorsal entre as crianças e os adultos. Esse resultado implica que o compartilhamento do ponto de articulação da vogal postônica final com a consoante precedente pode ser fator favorecedor da aplicação da regra variável aqui objeto de estudo.

Ainda merece destaque a recorrência, na análise dos dados, da seleção da variável relativa à presença de uma vogal alta na palavra como favorecedora da aplicação do processo. Quanto à variável relativa à classe morfológica, também foi recorrentemente selecionada, mas com a particularidade de apresentar resultados diferentes, para crianças e adultos, quanto aos fatores que a compunham.

Por fim, vale retomar o fato de que a variável *sexo* foi à única variável de caráter extralinguístico selecionada, sendo que o foi em quase todas as análises, com exceção

apenas do comportamento particular da vogal /o/ postônica final, tanto na fala das crianças, como na dos adultos.

O resultado geral apontou para a predominância da não aplicação do processo às vogais átonas finais /e/ e /o/. Esse funcionamento muito semelhante observado nos dados de crianças e adultos, com a predominância da não aplicação do processo de neutralização às vogais médias altas em posição postônica final, evidencia que, no PU falado na cidade de Tranqueras, há influência do espanhol – sistema que não integra a regra de neutralização das vogais átonas – e que os resultados do presente estudo permitem a verificação de uma leve tendência a uma possível mudança linguística em curso, já que os dados das crianças evidenciaram índice levemente maior de aplicação da regra variável aqui objeto de estudo.

CAPÍTULO V

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo variacionista, alicerçado pelos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação laboviana, teve o intuito de contribuir para os estudos sobre o Português Uruguaio (PU), falado especificamente por falantes pertencentes à cidade de Tranqueras, que está localizada no interior do Departamento de Rivera – Uruguai. O estudo teve como foco a neutralização das vogais médias postônicas finais /e/ e /o/, que é regra quase categórica nas diferentes variantes do Português do Brasil, doravante PB.

O estudo traz evidências de que a regra de neutralização das vogais médias postônicas finais é um fenômeno variável no PU, como ocorre também em outras comunidades do Rio Grande do Sul, de acordo com a pesquisa de Vieira (1994, 2002, 2010); Carniato (2000); Silva (2009) e Mileske (2012), com a especificidade de que, nos dados de Tranqueras, no Uruguai, há predominância de não aplicação da regra, ao contrário do que se verifica nas variantes faladas no Brasil.

A realidade da variação, nos dados estudados na presente pesquisa, revela que o PU falado por habitantes da cidade de Tranqueras, em relação ao fenômeno da regra variável nas postônicas finais, apresenta o sistema de vogais médias postônicas finais semelhantes ao do PB, no sentido de que apresenta a regra variável de neutralização das vogais médias, embora não de forma prevalente. E essa regra – vale ressaltar mais uma vez – não integra a fonologia do espanhol. A não prevalência da neutralização das vogais médias em posição átona final evidencia a influência do espanhol no PU falado em Tranqueras.

A taxa de aplicação da regra é modesta na comunidade tranquerense, pois apresentou uma porcentagem de 35%, sendo que foi registrado o índice de 65% de não aplicação da regra objeto de análise (GRAF.1), de acordo com as duas faixas etárias controladas neste estudo, ou seja, de crianças e de adultos, conforme foi apresentado no Capítulo 3, referente à Metodologia.

Os dados da presente pesquisa apontaram que as crianças aplicam a regra variável com a vogal /o/ em maior porcentagem (43%) do que com a vogal /e/ (35%), enquanto os adultos aplicam a regra variável da vogal /e/ (32%) postônica final com

uma maior porcentagem do que com a vogal /o/ (26%). Também os dados revelaram a tendência à maior aplicação do processo de neutralização das vogais átonas finais na produção linguística de mulheres, o que, de acordo com a literatura da área da sociolinguística, pode ser indicativo de prestígio ou, em razão de a tendência ter-se mostrado leve, de prestígio encoberto – os resultados parecem encaminhar-se nessa direção.

Além disso, os resultados gerais apresentados neste estudo mostram que o fenômeno de neutralização na cidade de Tranqueras é aplicado com um maior percentual entre as crianças, de acordo com o fator extralinguístico *faixa etária*: as crianças aplicam a regra variável da vogal postônica final com uma porcentagem de 39%, enquanto os adultos apresentam um índice de 30% de aplicação da regra variável aqui analisada. Esse resultado pode ser tomado como indicativo de estar havendo um início de mudança em progresso, no emprego do processo de neutralização, no PU falado na comunidade de Tranqueras. A motivação para tal mudança pode ser atribuída a uma importante identificação das crianças com a cultura brasileira, no que diz respeito à música e à mídia em geral, com a forte presença da TV brasileira. Essa motivação estaria em conformidade com o estudo de Carvalho (2003b), cujos resultados apontam um maior emprego do [ʌ] presente no PU da cidade de Rivera, impulsionado pela influência da TV brasileira.

Esse comportamento das vogais átonas finais em Tranqueras está em consonância com o que apontam pesquisas sobre o português de fronteira falado dentro dos limites brasileiros. Os resultados apresentados sobre o fenômeno analisado aqui, por Carniato (2000), na comunidade de Santa Vitória do Palmar RS – localizada em uma zona fronteira com o Uruguai –, revelam que os mais jovens, adolescentes¹⁵ entre 13 e 18 anos, aplicam significativamente a regra variável em pauta. Então, Carniato (2000) diz, reiterando um pressuposto da literatura sociolinguística, que a predominância de uma variante entre os mais jovens, ou seja, o fato de uma das variantes estar sendo mais utilizada em comparação com a outra por faixas etárias menores, pode ser indicativo de uma mudança em progresso.

¹⁵ Carniato (2000) dividiu, em seu estudo, faixas etárias compostas por informantes: a) com idade entre 13 – 18 anos e b) maiores de 50 anos.

Além disso, os baixos percentuais de aplicação da regra de neutralização para ambas as vogais corroboram os resultados apresentados por Mileski (2012), em estudo realizado na cidade de Vista Alegre do Prata – RS, comunidade bilíngue português-italiano.

Também o estudo de Brisolara (2008) sobre a elevação das vogais átonas finais /e/ e /o/ de clíticos pronominais, na cidade de Santana do Livramento, fronteira com Rivera – Uruguai, apontam que a regra de elevação é aplicada, porém com um reduzido índice.

Mostrando consistência com esses estudos, os resultados obtidos na presente pesquisa evidenciam que, no português utilizado na cidade de Tranqueras, seja por adultos ou por crianças, há a predominância da não aplicação da regra variável de neutralização das vogais postônicas finais, havendo a manifestação fonética mais frequente das vogais médias [e] e [o]. As pesquisas estão, pois, apontando que a regra de neutralização das vogais médias em posição postônica final, característica de todas as variantes do português do Brasil, apresenta baixo índice em falantes bilíngues ou em contexto de contato do PB com outro sistema linguístico.

Portanto, é interessante ressaltar a importância de um posterior estudo sobre o PU na cidade de Tranqueras – Uruguai, para que, assim, sejam buscados outros resultados que possam ser indicativos da mudança linguística decorrente da aplicação da regra variável de neutralização das vogais médias postônicas finais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEHARES, L.E.; DÍAZ, C.E; HOLZMANN, G. (2002) *Na frontera nós fizemo assim. Lengua y cocina en el Uruguay fronterizo*. Montevideo: Librería de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (no prelo).

_____, L.E. Uruguai / Brasil: contribuição ao estudo da heterogeneidade linguístico-cultural da fronteira sul. Disponível em: <http://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/3/02.pdf>. *Revista Diálogos Possíveis*. Faculdade Social da Bahia. Ano 2, N° 01, 2003. Acesso em: 20 mai. 2011.

_____, L.E *Planificación lingüística y educación en la frontera Uruguaya com Brasil*. IIN/OEA, Montevideo, 1985.

BORGES, Paulo; AMARAL, Luis Centeno do. *Análise estatística e formação de banco de dados sociolinguísticos*. Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 2009.

BRISOLARA, L. B. A elevação das vogais /e/ e /o/ de clíticos pronominais na comunidade de Santana do Livramento. In: Jorge Espiga; Adolfo Elizaincín (orgs). *Español y Portuguê: um (velho) Novo Mundo de fronteiras e contatos*. Pelotas: EDUCAT, 2008, p. 107 – 128.

CÂMARA, J.R., *Estrutura da língua portuguesa*. 34. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

CARNIATO, Miriam Cristina. *A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar*. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Mestrado em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.

CARVALHO, Ana Maria. Contribuições da sociolinguística ao ensino de português nas comunidades bilíngues do Uruguai. *Educação Fronteira Brasil/Uruguay: Línguas e sujeitos*. Revista Pró-posições. Campinas: Unicamp, 2010.

_____, Ana Maria. “Eu gosto do jeito da Globo falar português”: Palatalização e urbanização do português uruguaio. In: Jorge Espiga; Adolfo Elizaincín (orgs). *Español y Portuguê: um (velho) Novo Mundo de fronteiras e contatos*. Pelotas: EDUCAT, 2008, p. 65 – 106.

_____, Ana Maria. Diagnóstico sociolinguístico de comunidades escolares fronterizas en el norte de Uruguay. In: BROVETTO, Claudia; GEYMONAT, Javier; BRIAN; Nicolás (org.) *Português del Uruguay y educación bilingüe*. Montevideo: ANEP – CEP, p. 46 – 98, 2007.

_____, Ana Maria. Rumo a uma definição do português uruguaio. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*. n. 2, p. 135 – 159, 2003b.

CORDOBA, A. S.; MATZENAUER, Carmen L. B. O Português do Uruguai na cidade de Rivera – aspectos fonético-fonológicos. *Trabalho apresentado no XX Congresso de*

Iniciação Científica – CIC/X Mostra de Pós-Graduação/III Congresso de Extensão da UCPel. Pelotas, out. 2011.

COUTO, H. Honório do. Contato entre português e espanhol na fronteira Brasil-Uruguai. In: ALTENHOFEN Cléo V.; MELLO, Heliana; RASO, Tomasso (org.) *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 369 – 395, 2011.

ELIZAINCÍN, Adolfo. *Dialectos en contacto*. Español y português en España y América. Montevidéo: Arca, 1992.

_____, Adolfo, BEHARES, Luis; BARRIOS, Graciela. *Nos falemo Brasileiro. Dialectos portugueses en Uruguay*. Montevidéo: Editorial Amesur, 1987.

HENSEY, F. (1972) *The sociolinguistic of the Brazilian-Uruguaiyan Border*. Mouton, The Hague.

JUDD, Michael T. *O dialeto fronteiriço do Uruguai: origens, investigações e oportunidades*. Disponível em: http://espaçoadadêmico.com.br/073/73esp_juddpt.htm. *Revista Espaço Acadêmico*. UEM, Maringá/pr, nº 73, 2007. Acesso em: 20 mai. 2011.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 2008 [1972].

_____, William. *Modelos sociolinguísticos*. Madrid: Cátedra, 1983.

LAFFIN, G. C. *O contato linguístico português – espanhol na fronteira entre Brasil e Uruguai: estado da pesquisa e perspectivas futuras*. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LOPEZ, Barbara Strodt. *The sound pattern of Brazilian Portuguese (cariocan dialect)*. Tese de doutorado, UCLA, 1979.

LLORACH, Emílio. *Fonología Española*. Madrid:Gredos, 1965. p. 145 – 160.

MAPA ATUAL DO URUGUAI. Disponível em: <http://www.guiageo-americas.com/uruguai.htm>. Acesso em: 19 nov. de 2011

MEIRELLES, V. A. G. *Aspectos fonológicos do contato entre o Português e o Espanhol na cidade de Santana do Livramento-Rivera*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras. Brasília: UnB, 2006.

MILESKI, Ivanete. *A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata – RS*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília (orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. Editora Contexto: São Paulo, 2008.

QUILIS, Antonio. *Tratado de Fonología y fonética española*. Madrid: Gredos, 1999. p. 142-193.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 33-42.

RONA, J. P. *La frontera lingüística entre el Portugués y el Español en el norte del Uruguay*. Véritas. Porto Alegre: PUCRS, 1963, p. 201-221.

SILVA, Susiele Machry da. *Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho – RS*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2005.

TRINDADE, A.M.; L. E. BEHARES y M.C. Fonseca. *Educação e linguagem em áreas de fronteira Brasil-Uruguaí*. Santa Maria: Palloti, 1995.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. *Neutralização das vogais médias postônicas*. 1994. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. *Aspectos do sistema vocálico do português*. 1997. 181f. Tese (Doutorado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. IN: BISOL, Leda e BRESCANCINI, Cláudia (orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p 127- 159.

_____. As vogais médias átonas nas três capitais do sul do País. In: Leda Bisol e Gisela Collischonn (orgs) *Português do Sul do Brasil*. Variação Fonológica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 45 – 62.

IMÁGEM SOBRE A LINHA DIVISÓRIA ENTRE LIVRAMENTO E RIVERA. Disponível em: <http://eobixopegando.blogspot.com.br/2012/10/cerro-do-chapeu.html>. Acesso em: 17 de fev. de 2012.

ANEXOS

ANEXO 1 – Termo de consentimento livre e esclarecido destinado aos sujeitos crianças:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao assinar este documento, eu, _____, RESPONSÁVEL POR _____, estou consentindo formalmente que os dados de fala de meu filho/a, ou tutelado/a sejam integrados à pesquisa intitulada “A fonologia das vogais médias no Português do Uruguai na cidade de Tranqueras”.

Essa pesquisa, que tem, como objetivo geral, descrever e analisar o comportamento fonológico das vogais médias no Português do Uruguai falado na cidade de Tranqueras, constitui-se em uma Dissertação de Mestrado que está sendo elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas.

Sei que a identidade dos sujeitos da pesquisa será confidencial e sigilosa. Já os dados coletados serão usados exclusivamente para fins de pesquisa científica, apresentação em eventos científicos e publicação em revistas, periódicos, jornais e/ou livros especializados.

Acredito que a relevância desta pesquisa está em aprofundar os conhecimentos sobre o funcionamento dos sistemas vocálicos do Português e do Espanhol, e sobre o contato do Português do Brasil com o Espanhol do Uruguai.

Recebi da pesquisadora as seguintes orientações:

1) A FALA DA CRIANÇA/JOVEM SERÁ GRAVADA, SEM IDENTIFICAÇÃO DO SEU NOME.

2) A GRAVAÇÃO SERÁ IDENTIFICADA POR UM CÓDIGO, O QUAL SERVIRÁ PARA DEFINIR A IDADE DA CRIANÇA/JOVEM NO MOMENTO DA

COLETA, JÁ QUE ESSA INFORMAÇÃO É CRUCIAL NOS ESTUDOS SOBRE AQUISIÇÃO.

3) TEREI GARANTIDOS A CONFIDENCIALIDADE E O SIGILO REFERENTES À MINHA IDENTIDADE BEM COMO DE MEU/MINHA FILHO/A, TUTELADO/A.

4) A MINHA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA SERÁ VOLUNTÁRIA. CONCORDANDO COM A PARTICIPAÇÃO OU RECUSANDO-A, NÃO OBTEREI VANTAGENS OU SEREI PREJUDICADO. POSSO CANCELAR, A QUALQUER MOMENTO, A PARTICIPAÇÃO DE MEU/MINHA FILHO/A, TUTELADO/A.

5) NÃO HAVERÁ ÔNUS FINANCEIRO PARA NENHUMA DAS PARTES.

6) NECESSITANDO DE OUTROS ESCLARECIMENTOS SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE MEU/MINHA FILHO/A, TUTELADO/A NA PESQUISA, OU QUERENDO CANCELAR SUA PARTICIPAÇÃO, ENTRAREI EM CONTATO COM O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PELO TELEFONE (53) 2128-8242 OU NESTE ENDEREÇO: RUA FÉLIX DA CUNHA, 425, PELOTAS - RS..

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL

COORDENADORA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UCPEL

Data:.....

ANEXO 2 – Termo de consentimento livre e esclarecido destinado aos sujeitos adultos:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao assinar este documento, eu, _____, estou consentindo formalmente que os dados de fala que gravei sejam integrados à pesquisa intitulada “A fonologia das vogais médias no Português do Uruguai na cidade de Tranqueras”.

Essa pesquisa, que tem, como objetivo geral, descrever e analisar o comportamento fonológico das vogais médias no Português do Uruguai falado na cidade de Tranqueras, constitui-se em uma Dissertação de Mestrado que está sendo elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas.

Sei que a identidade dos sujeitos da pesquisa será confidencial e sigilosa. Já os dados coletados serão usados exclusivamente para fins de pesquisa científica, apresentação em eventos científicos e publicação em revistas, periódicos, jornais e/ou livros especializados.

Acredito que a relevância desta pesquisa está em aprofundar os conhecimentos sobre o funcionamento dos sistemas vocálicos do Português e do Espanhol, e sobre o contato do Português do Brasil com o Espanhol do Uruguai.

Recebi do pesquisador as seguintes orientações:

1) A FALA SERÁ GRAVADA, SEM IDENTIFICAÇÃO DO NOME DO INFORMANTE.

2) A GRAVAÇÃO SERÁ IDENTIFICADA POR UM CÓDIGO, O QUAL SERVIRÁ PARA DEFINIR A IDADE DO INFORMANTE NO MOMENTO DA COLETA, JÁ QUE ESSA INFORMAÇÃO É CRUCIAL NO ESTUDO.

3) TEREI GARANTIDOS A CONFIDENCIALIDADE E O SIGILO REFERENTES À MINHA IDENTIDADE.

4) A MINHA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA SERÁ VOLUNTÁRIA. CONCORDANDO COM A PARTICIPAÇÃO OU RECUSANDO-A, NÃO OBTEREI VANTAGENS OU SEREI PREJUDICADO. POSSO CANCELAR, A QUALQUER MOMENTO, A PARTICIPAÇÃO NESTE ESTUDO.

5) NÃO HAVERÁ ÔNUS FINANCEIRO PARA NENHUMA DAS PARTES.

6) NECESSITANDO DE OUTROS ESCLARECIMENTOS SOBRE A PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA, OU QUERENDO CANCELAR MINHA PARTICIPAÇÃO, ENTRAREI EM CONTATO COM O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PELO TELEFONE (53) 2128-8242 OU NESTE ENDEREÇO: RUA FÉLIX DA CUNHA, 425, PELOTAS - RS.

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL

COORDENADORA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UCPEL

Data:.....

**ANEXO 3 – Modelo de questionário social aplicado aos sujeitos
crianças:**

QUESTIONÁRIO SOCIAL

Nome:	
Endereço:	
Idade:	Sexo:
Cidade Natal:	
Nacionalidade:	
Escolaridade:	
Local de nascimento dos pais:	
Conhece/já morou no Brasil?	Por quanto tempo?
Tem amigos brasileiros?	O convívio é constante ou esporádico?
Estado Civil?	Qual é a sua primeira língua?
Língua utilizada em casa?	Atividades Sociais/ Lazer

Entrevistador: _____

Data da entrevista: ____/____/____ Duração da entrevista: _____

Observações gerais:

ANEXO 4 – Modelo de questionário aplicado aos sujeitos adultos:**QUESTIONÁRIO SOCIAL**

Nome:	
Endereço:	
Idade:	Sexo:
Cidade Natal:	
Nacionalidade:	
Escolaridade:	
Profissão:	
Local de trabalho:	
Local de nascimento dos pais:	
Conhece/já morou no Brasil?	Por quanto tempo?
Já trabalhou no Brasil?	Por quanto tempo?
Tem amigos brasileiros?	O convívio é constante ou esporádico?
Estado Civil?	Tem filhos?
Quantos?	Qual é a sua primeira língua?
Língua utilizada em casa?	Língua utilizada na trabalho?
Que línguas falas?	

Entrevistador: _____

Data da entrevista: ____/____/____ Duração da entrevista: _____

Observações gerais:

ANEXO 5 – Carta enviada ao Comitê de Ética em Pesquisa da UCPel:

Pelotas, 11 de maio de 2012.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa da UCPel

O projeto de pesquisa intitulado “A fonologia das vogais médias no Português do Uruguai na cidade de Tranqueras”, sob a responsabilidade do pesquisador Alexander Severo Córdoba e sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UCPel, terá como sujeitos 20 (vinte) moradores da cidade de Tranqueras, no Uruguai, com diferentes graus de escolaridade, sem vínculo necessário a qualquer instituição. Sendo assim, a coleta de dados não se realizará em um local específico.

Tendo em vista tais colocações, declaro que não há necessidade de liberação/autorização de Coordenadores de Cursos ou de Instituições para a realização da coleta de dados.

Atenciosamente,

Alexander Severo Córdoba
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras - UCPel

Carmen Lúcia Barreto Matzenauer
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras - UCPel